



# *Eça de Queirós*

Uma recolha bibliográfica

Apoio curricular à disciplina  
de Português do Ensino Secundário

*Eça de Queirós*

---

uma recolha bibliográfica

Apoio curricular à disciplina  
de Português do Ensino Secundário

## Ficha técnica

**Seleção local:** Paulo Melo

**Seleção web:** Isabel Bernardo

**Desenho gráfico:** Isabel Bernardo

**Paginação:** Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

**Edição:** Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede

2018

Eça de Queirós Uma recolha bibliográfica by Biblioteca Escolar Clara Póvoa is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Português, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Português do Ensino Secundário* apresentam dois tipos de recurso:

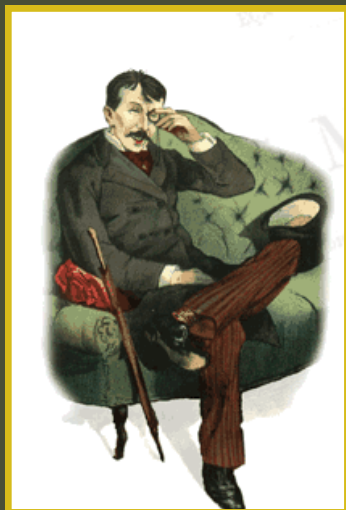
- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial ou requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online*.

Por sua vez, as fontes selecionadas, organizam-se de acordo com a seguinte estrutura:

- dos autores (fontes primárias)
- sobre os autores (fontes secundárias)
- contextos (sobre a época histórica — informação e ficção).

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas podem ser atualizadas.

Boas pesquisas!



Clique para aceder ao link

*Os textos*

**BN**  
BIBLIOTECA NACIONAL



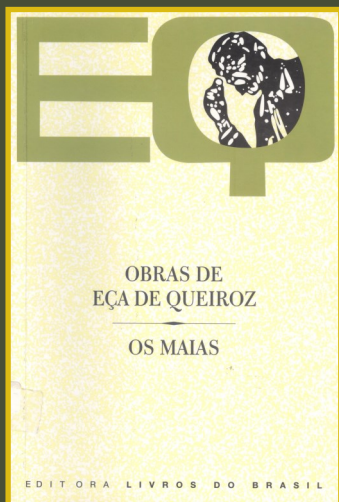
MAPA DO SITE  
Ficha técnica – Agradecimentos

*Eça de Queirós*  
**1845-1900**

VIDA E OBRA DE EÇA DE QUEIRÓS  
OBRAS DE EÇA EM FORMATO DIGITAL  
ESPÓLIO DE EÇA EM FORMATO DIGITAL  
CONTEXTOS DOCUMENTAIS  
ICONOGRAFIA QUEIROSIANA

*Fradique Mendes*  
*A «correspondência de uma abstração»*

© 2000-2001 BIBLIOTECA NACIONAL. Todos os Direitos Reservados



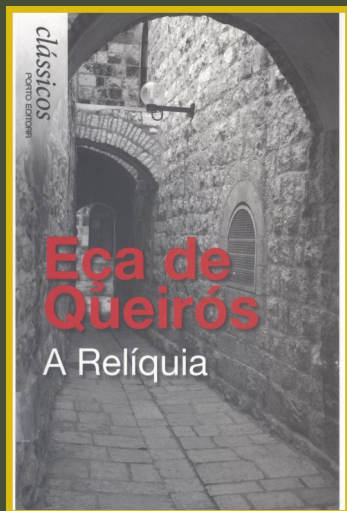
Cota: 821.134.3-31 QUE

*Os textos*

Isso é fantástico, Ega!

Ega esfregava as mãos. Sim, mas precioso! Porque essa simples forma de botas explicava todo o Portugal contemporâneo. Via-se por ali como a coisa era. Tendo abandonado o seu feitio antigo, à D. João VI, que tão bem lhe ficava, este desgraçado Portugal decidira arranjar-se à moderna: mas, sem originalidade, sem força, sem carácter para criar um feitio seu, um feitio próprio, manda vir modelos do estrangeiro – modelos de ideias, de calças, de costumes, de leis, de arte de cozinha... Somente, como lhe falta o sentimento da proporção, e ao mesmo tempo o domina a impaciência de parecer muito moderno e muito civilizado – exagera o modelo, deforma-o, estraga-o até à caricatura. O figurino da bota que veio de fora era levemente estreito na ponta – imediatamente o janota estica-o e aguça-o, até ao bico de alfinete. Por seu lado, o escritor lê uma página de Goncourt ou de Verlaine, em estilo precioso e cinzelado... (p. 712)

Queiroz, Eça. (2011). *Os Maias*. Carnaxide: Livros do Brasil.



Cota: 821.134.3-31 QUE

Casei. Sou pai. Tenho carruagem, a consideração do meu bairro, a Comenda de Cristo. E o Dr. Margaride, que janta comigo todos os domingos, de casaca, afirma que o Estado, pela minha ilustração, as minhas consideráveis viagens e o meu patriotismo – me deve o título de barão do Mosteiro. Porque eu comprei o Mosteiro. O digno magistrado, uma tarde, à mesa, anunciou que o horrendo Negrão, desejando arredondar as suas propriedades em Torres, decidira vender o velho solar dos condes de Lindoso.

- Ora aquelas árvores, Teodorico - lembrou o benemérito homem – deram sombra à senhora sua mamã. Direi mais: as mesmas sombras cobriram seu respeitabilíssimo pai, Teodorico!... Eu por mim, se tivesse a honra de ser um Raposo, não me continha, comprava o Mosteiro, erguia lá um torreão com ameias!

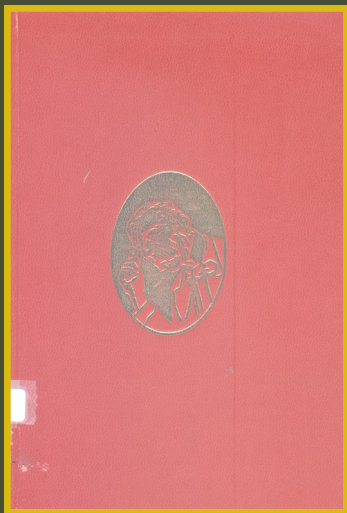
Crispim & C.<sup>a</sup> disse, pousando o copo:

- Compra, é coisa de família, fica-te bem.

E numa véspera de Páscoa, assinei no cartório do Justino... (p. 272)

Queirós, Eça. (2009). *A relíquia*. Porto: Porto Editora.

*Os textos*



Cota: 821.134.3-31 QUE

Bazílio pôs-se diante da porta, e estendendo os braços:

- Mas sê razoável, minha querida. Uma ligação como a nossa é o dueto de «Fausto». Eu, amo-te; tu, creio, gostas de mim; fazemos os sacrifícios necessários, encontramos-nos, somos felizes... que diabo queres tu mais? Porque te queixas?

Ela respondeu com um sorriso irónico e triste:

- Não me queixo. Tens razão.

- Mas não vás zangada, então.

- Não...

- Palavrinha...

- Sim...

Bazílio tomou-lhe as mãos.

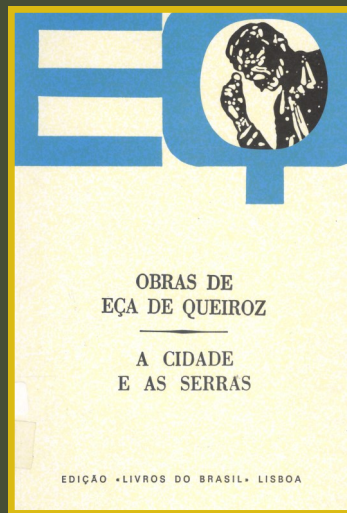
- Dê então um beijinho a Bibi...

Luiza beijou-o de leve na face.

Na boquinha, na boquinha! – E ameaçando-a com o dedo, fitando-a muito: - Ah geniozinho! (p. 223)

Queiroz, Eça. (s/d). *O primo Bazílio*. Lisboa: Livros do Brasil.

*Os textos*



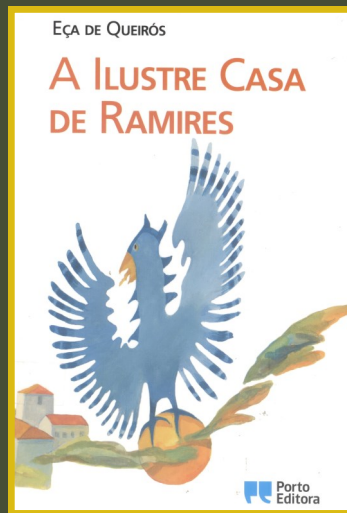
Cota: 821.134.3-31 QUE

Sobre um cofre de madeira lisa pousava ainda esquecido, um prato de damascos secos do Japão. Cedi à sedução das almofadas; trinquei um damasco, abri um volume; e senti estranhamente, ao lado, um zumbido, como de um insecto de asas harmoniosas. Sorri à ideia que fossem abelhas, compondo o seu mel naquele maciço de versos em flor. Depois percebi que o sussurro remoto e dormiente vinha do cofre de mogno, de parecer tão discreto. Arredei uma «gazela de França»; e descortinei um cordão que emergia de um orifício, escavado no cofre, e rematava num funil de marfim. Com curiosidade, encostei o funil a esta minha confiada orelha, afeita à singeleza dos rumores da serra. E logo uma voz, muito mansa, mas muito decidida, aproveitando a minha curiosidade para me invadir e se apoderar do meu entendimento, sussurrou capciosamente: «E assim, pela disposição dos cubos diabólicos, eu chego a verificar os espaços hipermágicos!...» (p. 30)

Queiroz, Eça. (2002). *A cidade e as serras*. Lisboa: Livros do Brasil.

*Os textos*





Cota: 821.134.3-31 QUE

## *Os textos*

O Videirinha! – Correu alvoraçadamente à janela. Um chapéu-coco trémulo entre os ramos, um brado estrugiu, aclamador:

- Viva o deputado por Vila-Clara! Viva o ilustre deputado Gonçalo Ramires!

No violão rompera triunfalmente o «Hino da Carta». Videirinha, alçado na biqueira das botas gaspeadas de verniz, gritava: «Viva a ilustre casa de Ramirez!» E por baixo do chapéu-coco, sacudido co delírio, João Gouveia, sem poupar a garganta, urrava; «Viva o ilustre deputado por Vila-Clara!»

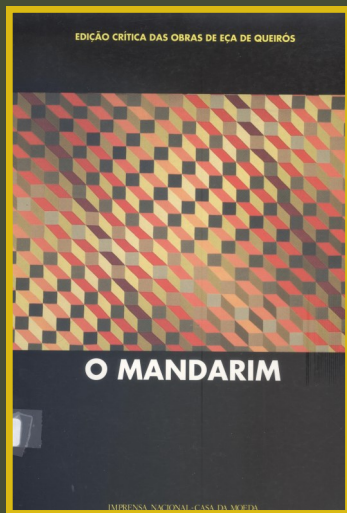
Majestosamente, Gonçalo, alagado de riso, estendeu da varando o braço eloquente:

- Obrigado, meus queridos concidadãos! Obrigado!... a honra que me fazeis, vindo assim, nesse formoso grupo, o chefe glorioso da Administração, o inspirado farmacêutico, o...

Mas reparou... e o «Titó»?

- o «Titó» não veio?... Oh João Gouveia... (p. 181)

Queirós, Eça. (2010). *A ilustre casa de Ramires*. Porto: Porto Editora.



Cota: 821.134.3-31 QUE

Foi então que, do outro lado da mesa, uma voz insinuante e metálica me disse, no silêncio:

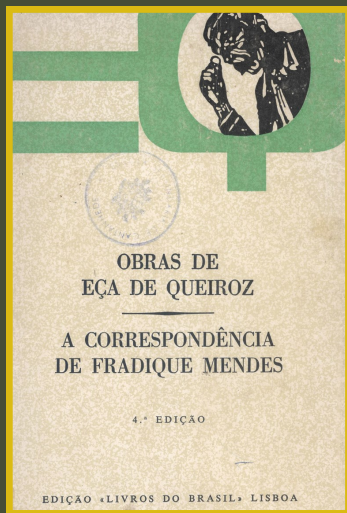
-Vamos, Teodoro, meu amigo, estenda a mão, toque a campainha, seja um forte!

O abat-jour verde da vela punha uma penumbra em redor. Erguia-o, a tremer. E vi, muito pacificamente sentado, um indivíduo corpulento, todo vestido de preto, de chapéu alto, com as duas mãos calçadas de luvas negras gravemente apoiadas ao cabo de um guarda-chuva. Não tinha nada de fantástico. Parecia tão contemporâneo, tão regular, tão classe média como se viesse da minha repartição...

Toda a sua originalidade estava no rosto, sem barba, de linhas fortes e duras; o nariz brusco, de um aquilino formidável, apresentava a expressão rapace e atacante de um bico de águia; o corte dos lábios, muito firme, fazia-lhe como uma boca de bronze; os olhos, ao fixar-se... (p. 89)

Queirós, Eça. (2010). *O Mandarim*. Lisboa: Impr. Nac.- Casa da Moeda.

*Os textos*

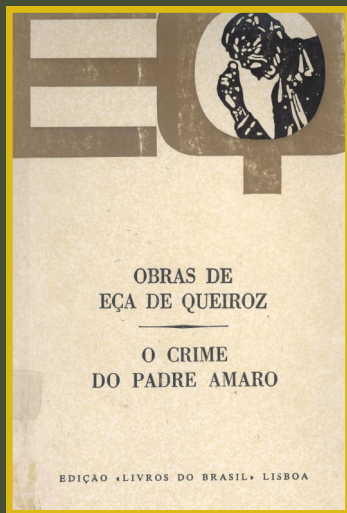


Cota: 821.134.3-6 QUE

Uma nação só vive porque pensa. Cogita ergo est. A força e a riqueza não bastam para provar que uma nação vive de uma vida que mereça ser glorificada na história – como rijos músculos num corpo e ouro farto numa bolsa não bastam para que um homem honre em si a humanidade. Um reino de África, com guerreiros incontáveis nas suas aringas e incontáveis diamantes nas suas colinas, será sempre uma terra bravia e morta, que, para lucro da civilização, os civilizados pisam e retalham tão desassombradamente como se sagra e se corta a rês bruta para nutrir o animal pensante. E por outro lado se o Egipto ou Tunis formassem resplandecentes centros de ciências, de literaturas e de artes, e, através de uma serena legião de homens geniais, incessantemente educassem o mundo – nenhuma nação, mesmo nesta idade...de ferro e de força, ousaria ocupar como um campo maninho e sem dono esses solos augustos donde se elevasse, para tornar as almas melhores, o enxame sublime... (pp. 112-113)

Queiroz, Eça. (s/d). *A correspondência de Fradique Mendes*. Lisboa: Livros do Brasil.

*Os textos*



Cota: 821.134.3-31 QUE

*Os textos*

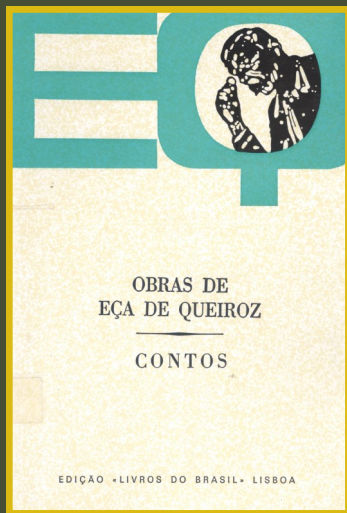
O padre Amaro disse-lhe então, com muita bondade, mostrando-se superior à injúria, num alto espírito de caridade cristã:

- Minha rica filha, são tolices... O homem não morre de fome. Ninguém morre de fome em Portugal. É novo, tem saúde, não é tolo, há-de-se arranjar... Não pense nisso... Aquilo é palavreado do padre Natário... o rapaz naturalmente sai de Leiria, não tornamos a ouvir falar dele... e em toda a parte há-de ganhar a vida... eu, por mim, perdoei-lhe, e Deus há-de tomar isso em conta.

Estas palavras tão generosas, ditas baixo, com um olhar amante, tranquilizaram-na inteiramente. A clemência, a caridade do senhor pároco pareceram-lhe melhores que tudo o que ouvira ou lera de santos e de monges piedosos.

Depois do chá, ao quino, ficou junto dele. Uma alegria plena e suave penetrava-a deliciosamente. Tudo o que até aí a importunava e a assustara, João Eduardo, o casamento, os deveres, desapareceram enfim da sua vida... (p. 287)

Queiroz, Eça. (1980). *O crime do Padre Amaro*. Lisboa: Livros do Brasil.

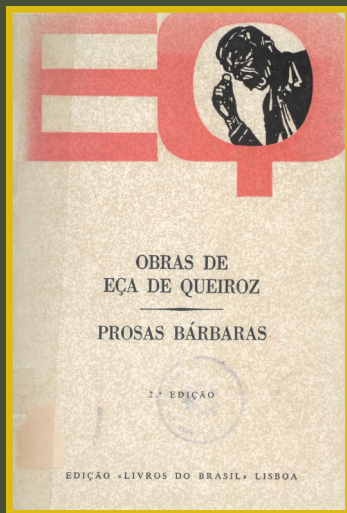


Cota: 821.134.3-34 QUE

A aurora despontou, com ardente pompa, comunicando à Terra alegre, à Terra braviamente alegre, à Terra ainda sem andrajos, à Terra ainda sem sepulturas, uma alegria superior, mais grave, religiosa e nupcial. Adão acordou: e, batendo as fuscas pálpebras, na surpresa do seu acordar humano, sentiu sobre a ilharga um peso que era macio e que era doce. Nesse terror que, desde as árvores, não desamparava o seu coração, pulou, e com tão ruidoso pulo que, pela selva, os melros, os rouxinóis, as toutinegras, todos os passarinhos de festa e de amor, despertaram e romperam num canto de congratulações e de esperanças. – E, oh maravilha!, diante de Adão, e como despegado dele, estava outro Ser a ele semelhante, mas mais esbelto, suavemente coberto de um pelo mais sedoso, que o contemplava com largos olhos lustrosos e líquidos. Uma coma ruiva, de um ruivo tostado, rolava, em espessas ondas, até às suas ancas arredondadas numa plenitude harmoniosa e fecunda. De entre os braços peludinhos... (pp. 136-137)

Queiroz, Eça. (s/d). *Contos*. Lisboa: Livros do Brasil.

*Os textos*



Cota: 821.134.3-92 QUE

Ele, o meu saltimbanco, tem a alma de ouro e o coração de diamante – e ri-se, ri-se, quando o vento soa como flauta do inverno, e ao concerto das corujas e das ondas e das estrelas dançam.

A miséria anda-lhe cavando a sepultura. Um dia, abandonado da bem-amada, morrerá sem pão, sem luz, sem calor, sem orações e sem sol. E não sofrerá mais. Viu durante a vida todo um povo curvado, aplaudindo debaixo dos seus borzeguins. Os tambores e os clarinetes tocarão o dia melhor do saltimbanco, o dia em que morrer: tocarão o seu melhor dia os ferrinhos, os timbales, os clarinetes e os tambores!

Todas estas coisas se parecem com sonhos. Mas o que é o sonho? O que são as visões? São as atitudes, fantásticas e desmanchadas, que a sombra dá às verdades. Já pensava assim o poeta Li Tai-Pé, que escrevia sobre as coisas santas da China, entre porcelanas e lacas, ao sopro dos nenúfares... (pp. 169-170)

Queiroz, Eça. (s/d). *Prosas bárbaras*. Lisboa: Livros do Brasil.

*Os textos*



Cota: 821.134.3-92 QUE

*Os textos*

Outubro chegou, e com este mês, em que as folhas caem, começam aqui a aparecer os livros, folhas às vezes tão efémeras como as das árvores, e não tendo como elas o encanto do verde, do murmúrio e da sombra.

Estamos com efeito em plena Book-season, a estação dos livros. Estes dois meses, Setembro e Outubro (e eles merecem-no, porque como a cor, luz, repouso, são os mais simpáticos do ano) têm acumulado em si as mais interessantes seasons, as estações mais fecundas da vida inglesa.

A London-season, a célebre estação de Londres, quando a Aristocracia, maior e menor, os «dez mil de cima», como se dizia antigamente, o «folhado», como se diz agora, recolhe dos parques e palácios do campo aos seus palacetes e jardinetes de Londres – passa-se em Abril, Junho e Julho, verdade seja dita. Mas essa é uma vã e oca estação de trapos, de luvas de vinte botões, de lacaio, de champanhe, de batota e de cotillon. (p. 155)

Queirós, Eça. (2002). *Textos de imprensa IV: da gazeta de notícias*. Lisboa: Imp. Nacional-Casa da Moeda.



Cota: 791.221.4 CAR

Baseado na novela de Eça de Queirós. Amaro, um padre recém saído do seminário, é enviado para uma pequena localidade rural no México, onde se apaixona por uma das raparigas da região e a engravida. Envolve-se então, em arriscados jogos de sedução, tendo que decidir entre os preceitos da igreja que jurou respeitar e a paixão pela mulher que transporta o seu filho no ventre. (Sinopse)

*Os textos*

Carrera, Carlos (Realizador). (2004). *O crime do Padre Amaro [Filme]*. Lisboa: Columbia Tristar.



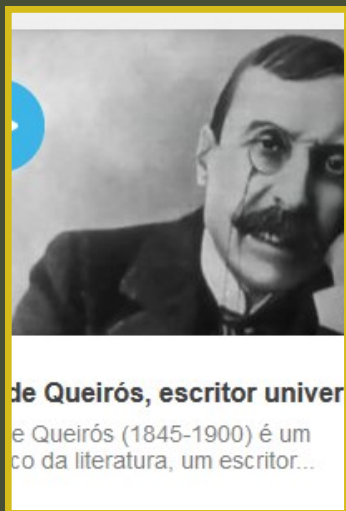


Cota: 791.221.4 SIL

Baseado na novela de Eça de Queirós. Amaro é um jovem padre, acabado de sair do seminário, que vem a Lisboa substituir um falecido padre. A paróquia a que chega situa-se num bairro social, tomado pela delinquência. Desde logo, é apadrinhado pelo seu antigo professor, o Cónego Dias, que lhe arranja estada na casa da devota Joaneira. Aí, o jovem Amaro conhece Amélia, uma jovem sensual e sedutora, que provoca ao padre sentimentos nunca antes experimentados. (Sinopse)

*Os textos*

Silva, Carlos Coelho da (Realizador). (2006). *O crime do Padre Amaro [Filme]*. Lisboa: Lusomundo.



Clique para aceder aos links

*Sobre os textos*

A redação daquela que viria a ser considerada a obra-prima de Eça de Queirós começou em 1880. Durante cerca de oito anos, com a genialidade que lhe é reconhecida, teceu uma intriga amorosa com personagens trágicas e cómicas, que ficaram para a posteridade.

Centrada no amor incestuoso de Carlos e Maria Eduarda, a obra de Eça de Queirós é também uma crónica da sociedade lisboeta do início do século XIX. A pequena burguesia, “refugiada num cosmopolitismo vazio”, a elite política, “oportunista e provinciana, fechada sobre a defesa dos seus próprios interesses”, o jornalista “de escândalos, da intriga e da calúnia”, são mundos amplificados em grandes personagens, esculpidas na finura do humor satírico queirosiano e que ficaram caricaturas de todos os tempos, como se Eça tivesse visionado o futuro do país que amava.

É essa atualidade que o historiador e musicólogo Rui Vieira Nery encontra e reencontra no clássico de Eça de Queirós e na sua desencantada galeria de personagens onde prefiguram o esgrouviado João da Ega, o mesquinho Dâmaso, o corrupto Palma Cavallão, o falhado Eusebiozinho, entre outras...

RTP Ensina. (2010). *Eça de Queirós*. Lisboa: RTP Ensina. Disponível em <http://ensina.rtp.pt/tag-artigo/eca-de-queiros/>



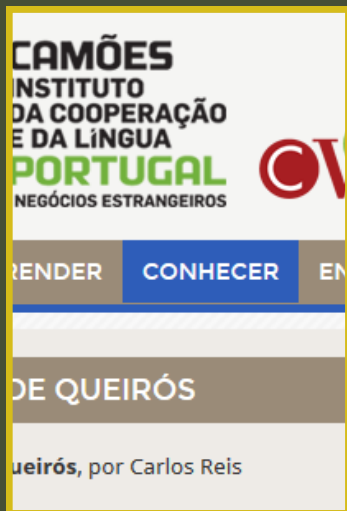
Clique para aceder ao link

José Maria **Eça de Queirós** nasceu na Póvoa de Varzim a 25 de novembro de 1845 e faleceu em Paris a 16 de agosto de 1900. Estudou Direito na Universidade de Coimbra, tornando-se amigo de Antero de Quental, entre outros. Participou nas Conferências do Casino e é um dos da Geração de 70. Foi nomeado cônsul, tendo viajado pelo Egito, Cuba, Londres, Paris, etc. Um dos principais representantes do Realismo, é considerado um dos maiores romancistas portugueses do século XIX. Colaborou com Ramalho Ortigão em *As Farpas*.

Obras: *O Mistério da Estrada de Sintra* (em colaboração com Ramalho Ortigão, 1870); *O Crime do Padre Amaro* (romance, 1875); *A Tragédia da Rua das Flores* (romance, 1877-78); *O Primo Basílio* (romance, 1878); *O Mandarim* (novela, 1880); *O Egito* (viagens, 1926); *Cartas Inéditas de Fradique Mendes* (1929); *Eça de Queirós entre os seus – Cartas íntimas* (1949)...

Projeto Vercial. (s/d). *Eça de Quirós*. Disponível em <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/queiros.htm>

*Sobre os textos*



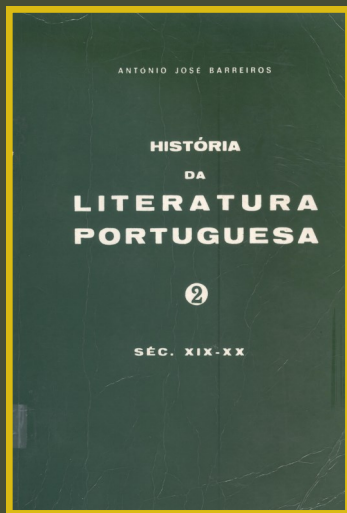
Clique para aceder ao link

Tendo nascido na Póvoa do Varzim (25 de novembro de 1845), Eça de Queirós desenvolveu a sua vida literária entre meados dos anos 60 e 1900, quando, a 16 de agosto, morreu em Paris. Nesse lapso temporal, Eça marcou a cena literária portuguesa com uma produção literária de alta qualidade, alguma dela deixada inédita à data da sua morte.

Formado na Coimbra romântica e boémia dos anos 60, o jovem Eça acolhe o ascendente de Antero de Quental como líder de uma geração de intelectuais abertos ao influxo de correntes estéticas e ideológicas que se projetam na vida literária desses anos e das décadas seguintes: socialismo, realismo, naturalismo, etc. (cf. "Um Génio que era um Santo", in *Notas Contemporâneas*). Logo depois, em Lisboa e em Évora, Eça de Queirós conhece a experiência do jornalismo (n'O Distrito de Évora, na *Gazeta de Portugal*, onde colabora com folhetins postumamente editados em livro, em 1903, com o título *Prosas Bárbaras*)...

Carlos Reis. (s/d). *Eça de Queirós. Instituto Camões*. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xix/eca-de-queiros.html>

*Sobre os textos*



Cota: 80(09) BAR

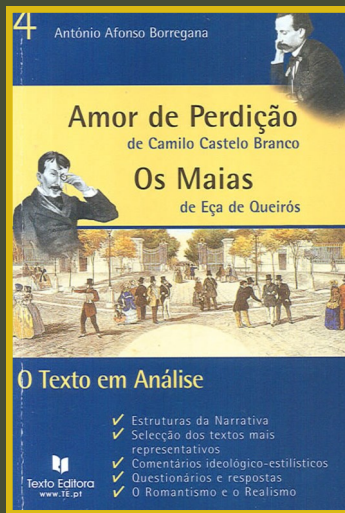
Há quem classifique Os Maias como um romance de espaço, já que as personagens dançam cativas ao som da música daquela Lisboa da segunda metade do século XIX. Mas naquele espaço, onde as personagens esbracejam sem conseguirem atingir qualquer margem libertadora, Os Maias mostram sobejos aspectos de romance de acção, pois nele o romanesco intervém em larga escala. Eça não explorou em profundidade o realismo científico, monográfico, estudando um vício, uma paixão; preferiu inventar enredos, criar dramas, comédias até, mostrando os caracteres de modo indirecto através da acção.

Pela sua complexidade, a obra tem sido considerada ainda como um, no dizer dos franceses, roman-fleuve (romance-fresco, no dizer de outros). A multiplicidade de personagens e episódios convergem de todos os lados a agrupar-se num conjunto orgânico: o ambiente da Lisboa romântica da segunda metade do século XIX, onde os Maias, educados ou à portuguesa ou à inglesa... (p. 235)

Barreiros, António José. (1996). *História da literatura portuguesa* (14.ª ed., 2.º vol.).

Braga: Bezerra Editora.

*Sobre os textos*



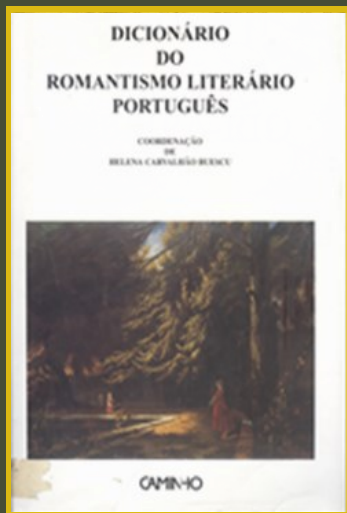
Cota: 80 BOR

A descrição quase que se equipara em importância, n'Os Maias, à narração. Ela corresponde ao desenvolvimento do subtítulo (primitivo) do romance «Cenas da Vida Romântica». Os episódios de crítica social são quadros descritivos em que as personagens aparecem irmanadas com os lugares. O impressionismo destas descrições provém da animização da natureza e das coisas, como prolongamento do interior das personagens. A descrição de interiores, mais frequente do que a de exteriores, reflecte a solidariedade personagem/habitação. A mudança de habitação surge sempre relacionada com novas etapas e vivências psicológicas das personagens.

A descrição de espaços, quer interiores, quer exteriores, é-nos quase sempre dada sob focalização interna de personagens. Veja-se, por exemplo, a descrição enquadrada no passeio de Carlos e Cruges a Seteais (pág. 233): «Cruges agora admirava o jardim...» Esta bela e impressionista descrição do jardim de Seteais é claramente prespectivada sob o olhar do artista Cruges. (pp. 39-40)

Borregana, António Afonso. (2002). *Amor de Perdição de Camilo Castelo Branco: Os Maias de Eça de Queirós* (6.ª ed., 4.º vol.). Lisboa: Texto Editora.

*Sobre os textos*

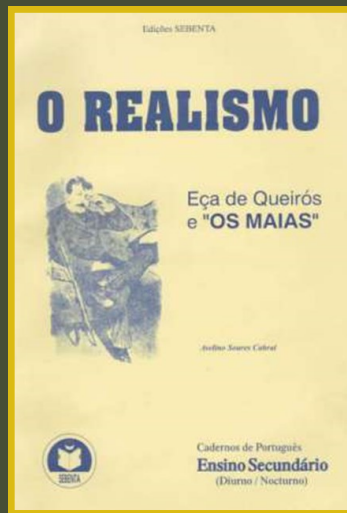


Cota: 80(038) BUE

É um lugar «fundador» o que João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett (Porto, 1799-Lisboa, 1854) ocupa na nossa cultura: «crescendo» interiormente (a partir de uma ascendência burguesa e católica) no diálogo empenhado e lúcido com um tempo português determinante – o da passagem do regime absoluto ao liberal -, foi o grande pioneiro das mutações temático-formais que conformaram o nosso Romantismo, sentido com agudeza que só de um modo novo podia dizer ao público alargado que se constituía a questionação do homem e da sociedade resultante da sua experiência. O homem, o cidadão e o artista estão assim profundamente amalgamados no curto mas intenso itinerário existencial de Garrett, cujas obras marcam o nosso imaginário e a nossa autognose colectiva. (p. 203)

Buescu, Helena Carvalhão. (1997). *Dicionário do romantismo literário português*.  
Lisboa: Caminho.

*Sobre os textos*



Cota: 80 CAB

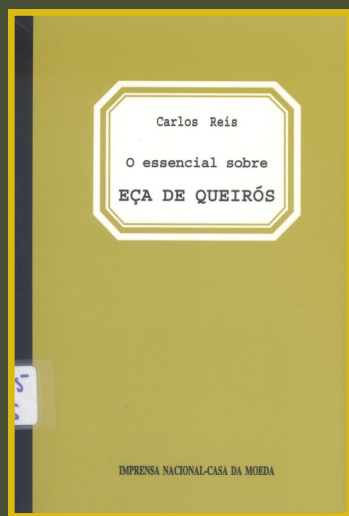
O Ramalhete é a antiga habitação da família que é descrita logo no início da obra como a casa onde Afonso vem morar, em 1875, por insistência de Carlos. E, nas obras de restauro, só a instâncias do avô é mantida a primitiva fachada do edifício. Todo o interior é modificado de acordo com o projecto de um arquitecto inglês, e conforme as instruções de Carlos que enche a casa de motivos ornamentais japoneses, mouriscos, espanhóis, indianos, holandeses, persas, etc. Mantém a casa a sua designação, por ter “um revestimento quadrado de azulejos (...) no lugar heráldico do escudo de armas, chegara a ser colocado, e representando um grande ramo de girassóis atado por uma fita onde se distinguiam letras e números de uma data”. A designação (Ramalhete) e o emblema (rama de girassóis) sugerem a importância da terra e da província no passado daquela “antiga família da Beira”. Do mesmo modo, a “gravidade clerical do edifício” tem a ver, em nossa opinião, com a influência que o clero e a mentalidade clerical ou freirática tiveram no passado da família e, por extensão, em Portugal. (p. 89)

Cabral, Avelino Soares. (1997). *O realismo: Eça de Queirós e “Os Maias”* (2.ª ed.).

Mem Martins: Sebenta.

*Sobre os textos*





Cota: 087.5 REIS

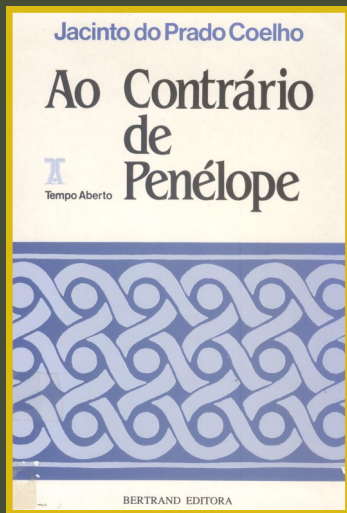
## *Sobre os textos*

Algumas das motivações culturais e ideológicas que levam o Eça identificado com a Geração de 70 a tematizar o Romantismo orientam-no também para a problematização de uma questão que com ele frequentemente se cruza: a educação, um dos mais relevantes temas de toda a obra literária queirosiana.

De facto, nos anos e nas iniciativas – Conferências do Casino, As Farpas, etc. – em que o espírito da Geração 70 teve alguma representatividade, a educação apareceu como preocupação suscitada por propósitos pedagógicos e reformistas de escritores como Eça, Ramalho Ortigão ou Antero: tratava-se, antes de tudo, de criticar os termos em que era conduzida a formação escolar, cultural, religiosa e mesmo literária dos jovens e das jovens em Portugal.

Diversos textos d'As Farpas são a este propósito muito significativos, pela forma como atacam os defeitos educativos observados em especial nas adolescentes: a educação livresca, o predomínio da cartilha, a ausência de exercício... (pp. 42-43)

Reis, Carlos. (2000). *O essencial sobre Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

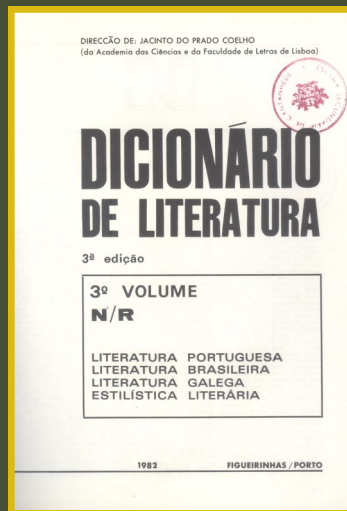


Cota: 80 COE

Se o título e o subtítulo já fazem parte da obra, devem articular-se com ela e contribuir para um efeito global. Os Maias tem um título e um subtítulo [«Episódios da Vida Romântica»] cujo sentido e função se deduzem obviamente do exame do conjunto. Se desempenham um papel na interpretação do romance, significam, por sua vez, o que o romance os faz significar. Trata-se de dois plurais: Os Maias e «Episódios». Inculcam, portanto, a representação dum mundo amplo e diverso; ou de duas esferas, de dois espaços mentais. Já se acusou o romance de heterogéneo, disperso, falho de unidade; e também já se disse que nele se conjugam de modo feliz, harmónico, dois «climas» muito diferentes: o da tragédia (amor-paixão que conduz ao incesto) e o da comédia lisboeta, onde perpassam figuras típicas duma sociedade (a sociedade que vive n'Os Maias, não importa agora averiguar até que ponto coincidente com uma sociedade histórica). Conseguiu Eça de facto conciliar estruturalmente essas duas grandes isotopias... (pp. 167-168)

Coelho, Jacinto do Prado. (1987). *Ao contrário de Penélope*. Venda Nova: Bertrand.

*Sobre os textos*



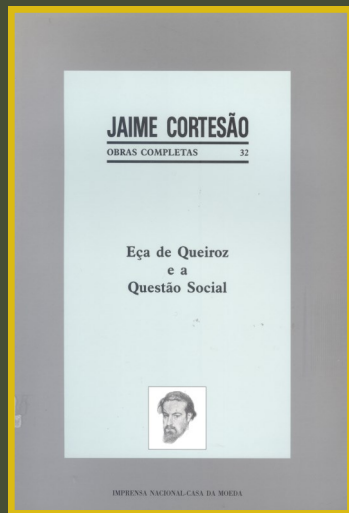
Cota: 80(038) COE

A última obra que Eça dedicou, dentro desses processos, ao panorama social português do seu tempo são Os Maias (v.), aparecidos em 1888, depois de uma longa gestação. Neste romance estende o seu campo visual à alta sociedade, tardiamente romântica. Servindo de fundo a um caso de incesto, pinta-se em quadros cheios e movimentados a vida das altas esferas da política, do governo, da aristocracia, da finança, da literatura, observadas com ironia cruelmente escrupulosa. Pelo seu carácter temporário de chefe de escola, tem-se designado Eça de «Zola português». Coisa injusta, visto o naturalismo ter sido para o seu espírito e a sua arte, mesmo nos momentos de maior fé nos postulados naturalistas, um elemento subalterno, em que nunca se sentiu completamente à vontade, e do qual logo se libertou para afirmar a sua arte, livre e pessoal.

A sua evolução foi lenta, harmoniosa, intensa. A disciplina férrea da observação aquietara a sua fantasia e serenara a sua forma. (p. 887)

Coelho, Jacinto do Prado. (1982). *Dicionário de literatura* (3.ª ed., 3.º vol.). Porto: Figueirinhas.

*Sobre os textos*



Cota: 80 COR

## *Sobre os textos*

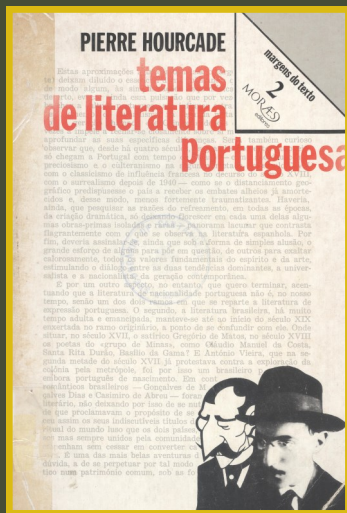
Eça de Queiroz não tinha a energia violenta de carácter, o desejo ardente de poderio e acção e o relanceio ágil das oportunidades, de um político militante.

Não se lhe peça, pois, a subordinação completa de pensamento e de vontade à realização de um ideal político, aliás, bem difícil de encontrar até nos políticos militantes. Ele próprio, referindo-se à renúncia de Casimir-Périer à mais alta magistratura da República Francesa escrevia, nos começos de 1895, isto é, em pleno período da transformação psicológica que estudamos, palavras que bem melhor ajustam ao escritor, que ao político.

«Um homem – dizia – realmente não pode ter a rigidez impassível de um princípio. Os princípios são insensíveis e intangíveis – e os homens são um feixe de nervos sujeitos a todas as influências, mesmo às da chuva e do vento.»

E poucos escritores, como Eça, vibraram a todos os ventos do espírito, desencadeados no seu tempo. (p. 53)

Cortesão, Jaime. (2001). *Eça de Queiroz e a questão social*. Lisboa: INCM.

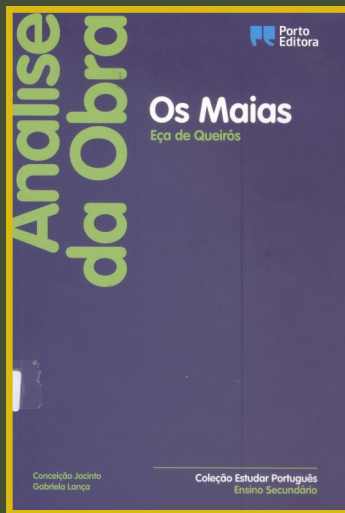


Cota: 80 HOU

Um escrúpulo, porém, me toma desde já: o da necessidade do esforço que terei de fazer para reencontrar, em toda a sua singeleza sugestiva, a frescura de uma impressão tão espontânea. Poderei eu esquecer que sigo cada manhã, desde há algum tempo, o caminho dum velho palácio que se situa próximo do Ramalhete e que os meus passos voltam a recortar a marca dos de Carlos da Maia? Serei capaz de ouvir falar da rampa de Santos sem me lembrar de que também eu a descí muitas vezes, a correr, até perder o fôlego, em busca de algum evasivo táxi ou correndo atrás de um desses veneráveis meios de transporte colectivo, trasbordantes duma clientela intrépida, e resmungando para comigo: «Ainda o apanhamos!»? Ante cada paisagem e em cada atmosfera evocada não serei irresistivelmente tentado a instalar as minhas próprias recordações sentidas? E não fiz eu muitas vezes sofrer, nas passagens descritivas mais justamente célebres, a profanação dos exercícios escolares, o suplício das traduções aproximativas? (p. 89)

Houcade, Pierre. (1978). *Temas de literatura portuguesa*. Lisboa: Moraes.

*Sobre os textos*



Cota: 80 JAC

N'Os Maias, o espaço geográfico português que o Eça de Queirós privilegiou foi Lisboa. Foi nas ruas da capital que o artista colocou a burguesia e a aristocracia do último terço do século XIX. Ega, o grande amigo de Carlos da Maia, por outro lado, aquando do jantar que planeava em honra do financeiro Cohen, realizado no Hotel Central, afirma que: “Portugal está todo entre a Arcada e S. Bento!...”.

E, em Lisboa, um dos espaços em que o autor se deteve mais detalhadamente foi no “Aterro” (a atual Av. 24 de Julho), no espaço que Carlos percorreu vezes sem conta, em direção ao Ramalhete, que se situava nas Janelas Verdes, após a Calçada de Santos- É, aliás, neste local que decorre o último episódio d’Os Maias, depois da catástrofe que afastara Maria Eduarda e que levara Carlos a percorrer a Europa durante dez anos. É aí que Carlos e Ega definem a tal “teoria da existência”, “o fatalismo muçulmano”, baseado na ausência de desejo e de paixões... (p. 83)

Jacinto, C. & Lança, G. (2012). *Análise da obra Os Maias*. Porto: Porto Editora.

*Sobre os textos*



Cota: 80 LIM

Sempre na obra de Eça, desde os primeiros, folhetins do Distrito de Évora e das primeiras Farpas, designadamente o seu primitivo prólogo, os conceitos de decadência nacional, de patriotismo, de nacionalismo, de dependência nacional, de programa regenerador se intrincam ambígua e obsessivamente no sentido da elaboração do complexo ideológico da «miséria portuguesa».

A expressão «miséria portuguesa» é-nos sugerida por João Medina, num artigo, precisamente intitulado «Eça de Queiroz e a miséria portuguesa», publicado juntamente com um outro, «O pessimismo nacional de Eça de Queiroz». Neste texto, o autor define a «miséria portuguesa» como um «complexo de problemas e de atitudes ideológicas diversas, às vezes antagónicas, problematização do fenómeno da decadência nacional e do pessimismo histórico que se fazem sentir de uma maneira aguda nos intelectuais portugueses sobretudo a partir da segunda metade do século XIX». Julgamos particularmente importante insistir no carácter ambíguo e contraditório desse complexo... (pp. 146-147)

Lima, Isabel Pires de. (1987). *As máscaras do desengano*. Lisboa: Caminho.

*Sobre os textos*



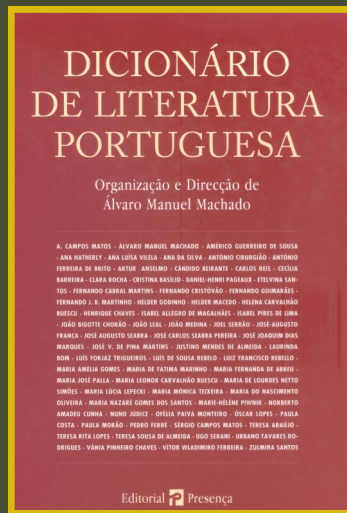
Cota: 80 MAC

E o que impedia o «satânico» Carlos da Maia de amar senão esse espírito crítico, essa permanente atitude irónica, de quem está de fora de tudo, esse jogo constante do pensamento que, exercendo-se sobretudo em relação à mulher e conduzindo à misoginia, atinge, afinal, outros domínios, os da vida social, política e cultural? Ora, o mesmo se passava com Fradique Mendes. Assim, muito mais do que uma imitação portuguesa, em forma de exercício de estilo, do spleen baudelairiano, Fradique Mendes é não só uma personagem-chave do mais complexo e universal romance de Eça mas também uma personagem-chave de toda a Geração 70, uma espécie de arquétipo. Ou melhor: um paradigma na ficção do arquétipo intelectual da Geração 70 que foi Antero, seu ideológico. De resto, não será significativa a origem açoriana e a própria educação filosófica que Eça atribui a Fradique Mendes na sua introdução à Correspondência de Fradique Mendes? Ele o escreve: do navegador D. Lopo Mendes, filho segundo da casa de Troba e donatário de uma das primeiras capitânias criadas nas Ilhas por começos do século XVI. (pp. 77-78)

Machado, Álvaro Manuel. (1981). *A geração de 70—uma revolução cultural e literária* (2.ª ed.). Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

*Sobre os textos*



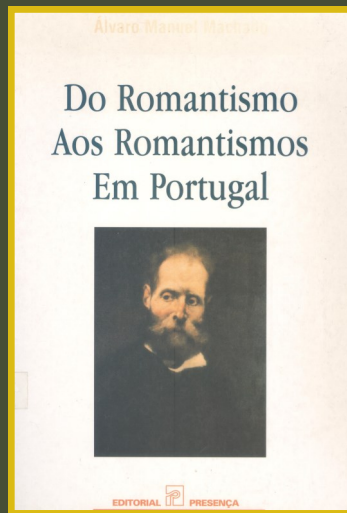


Cota: 80 MAC

*Sobre os textos*

Numa obra relativamente vasta e prolongada, em termos de escrita e de publicação, por cerca de trinta e cinco anos, é possível rastrear mudanças muito significativas; nelas, o escritor revela não apenas um sentido agudo de insatisfação estética (patente também no facto de ter submetido muitos dos seus textos a profundos trabalhos de reescrita, depois já de os ter publicado), mas também uma capacidade para intuir e até antecipar o sentido da evolução estética que no seu tempo testemunhou e viveu. O que, naturalmente, foi favorecido pelo contacto sempre muito estreito que Eça manteve com a vida cultural europeia. O conceito e técnica do romance, tal como Eça os interpreta, merecem desde já um breve comentário. Desde a sua adesão ao realismo e ao naturalismo, Eça cultivou um tipo de romance consideravelmente minudente, no que toca aos espaços representados e às personagens caracterizadas; muitas dessas são construídas como tipos sociais em que se revêem aspectos fundamentais da vida pública portuguesa, na segunda metade do século XIX... (p. 396)

Machado, Álvaro Manuel. (1996). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Presença.



Cota: 80 MAC

*Sobre os textos*

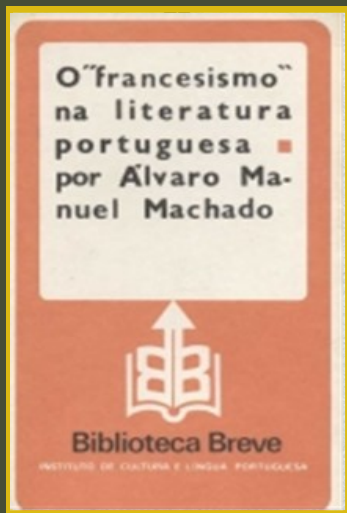
Obviamente, temos de começar por uma definição, ainda que assaz sumária, do conceito de dandy transposto para Portugal desde o início do nosso romantismo, diferenciando-o e, por vezes, aparentando-o com o conceito de gentleman, igualmente significativo numa abordagem de literatura comparada.

Trata-se, claro, duma questão de recepção da literatura estrangeira, sobretudo da inglesa e da francesa, desde os anos 20, 30 do século XIX português.

Mas vejamos primeiramente os modelos estrangeiros, de Byron a Baudelaire. E comecemos por falar, não de modelos literários, mas sim de modelos históricos.

O dandismo é, no início do século XIX europeu, a diferença entre Napoleão e Wellington: na antevéspera da batalha de Waterloo, Wellington deixa o campo de batalha, esquece (aparentemente, pelo menos) toda a espécie de estratégia militar, para ir a Bruxelas a um baile da Duquesa de Richmond. (p. 84)

Machado, Álvaro Manuel. (1996). *Do romantismo aos romantismos em Portugal*. Lisboa: Presença.



Cota: 80 MAC

Antes daquilo que com rigor poderemos designar por “francesismo”, isto é, a fixação de uma imagem da França, da sua cultura em geral e da sua literatura em particular, que começa a processar-se vagamente no dealbar do século XVIII se torna mais nítida em meados do mesmo século, se assumindo em plenitude durante um confuso período romântico prolongando até finais do século XIX, houve como é óbvio uma influência geral da França no contexto de uma evolução cultural portuguesa desde a Idade Média. Traçar, ainda que muito esquematicamente, o quadro dessa influência ajudar-nos-á, suponho, a melhor compreender as causas primordiais dessa fixação.

Assim, não poderemos deixar de começar por referir os vestígios da grande cultura medieval francesa, esse verdadeiro renascimento do século XII com a chamada escola de Chartres, com Abelardo e com o decisivo movimento cisterciense... (p. 19)

Machado, Álvaro Manuel. (1983). *O “francesismo” na literatura portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

*Sobre os textos*

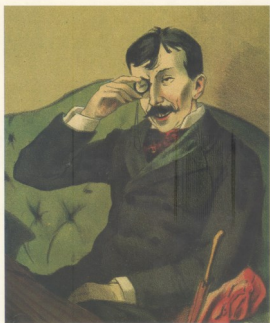


Cota: 80 MAC

Falar das origens de um período literário, em Portugal como noutro qualquer país, é sempre, de certo modo, pôr em questão as próprias origens da literatura. Ou melhor: é sempre repensar o significado da escrita nas suas múltiplas relações com o tempo. É sempre, é sobretudo, por um lado, avaliar a escrita como expressão temporal do pensamento humano e, por outro lado, como expressão temporal daquilo que, vindo do pensamento, pode ou não pode ser considerado objecto estético. E sendo-o, avaliar a sua importância ao nível, sobretudo, da formação, da continuidade ou da ruptura dos géneros. Ora, como diz Henri Meschonnic num dos seus mais recentes ensaios: Tout écrivain ne peut pas ne pas hériter d'un «genre», mais il le détruit en créant «son œuvre». Il ne serait pas écriture s'il n'était aussi destructionn. (p. 13)

Machado, Álvaro Manuel. (1979). *A origens do romantismo em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

DICIONÁRIO  
DE  
EÇA DE QUEIROZ



CAMINHO

Cota: 80(038) MAT

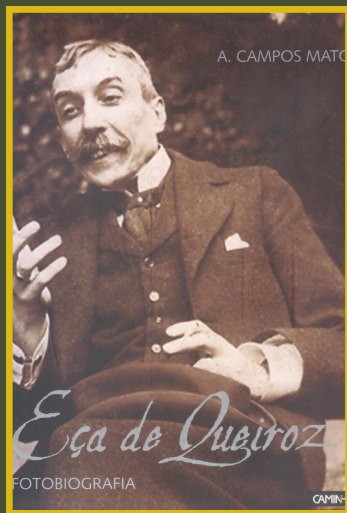
A estrutura d'Os Maias apoia-se em paralelismos, desdobramentos e oposições. Destas sobressai a polaridade romantismo-realismo, uma das preocupações dominantes de E. Q. e o campo privilegiado da sua sátira em toda a produção da fase realista.

O recurso à oposição é também visível no emparelhamento das personagens. O ultra-romântico Tomás de Alencar alterna com o hiper-realismo João da Ega, a inglesa Sarah alterna, em comparável sensualidade mas em oposta aparência física (o louro nórdico versus o moreno latino), com a francesa Mélanie, Carlos opõe-se pela educação e suas consequências a Eusébio, Brown é o preceptor no outro pólo do padre Vasques, e Afonso apresenta-se em contraste de honra e dignidade ao pai de sua nora, o escravista Manuel Monforte.

A estas oposições associam-se desdobramentos, personagens que funcionam em parilha: o conde de Gouvarinho e o Sousa Neto, Steinbroken e o seu secretário... (p. 387)

Matos, A. Campos. (1988). *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Caminho.

*Sobre os textos*



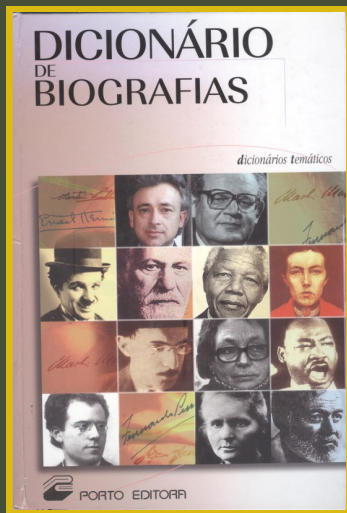
Cota: 80(092) MAT

Parece indubitável que Eça de Queiroz teve desde cedo o gosto da fotografia e de se fazer fotografar. Fê-lo pela vida fora em variadíssimas ocasiões, posando ora solene, de calças às riscas e encartolado, com os grandes, petulantes ares que tomavam os Vencidos da Vida, ora em mangas de camisa no jardim da casa de Neuilly, entre amigos, numa tarde de calor, ora em ar de paródia, envergando o traje mandarinesco, com a cabaia que o seu amigo conde de Arnoso lhe trouxera de Pequim, fingindo dar sábios conselhos ao diplomata brasileiro Domício da Gama, ora muito paternal, lendo uma obra ilustrada aos filhos. Entre poses, devemos considerar também aquelas que praticou para satisfazer os pedidos dos seus editores, como, por exemplo, a pose que fez em Newcastle, reclinado num belo sofá de época e publicada na 2.<sup>a</sup> edição d'O Primo Basílio.

Sem dúvida que, consciente do valor da sua arte, deve ter tido também o desígnio de posar para a posteridade. (p. 13)

Matos, A. Campos. (2007). *Eça de Queiroz : fotobiografia: vida e obra*. Lisboa: Caminho.

*Sobre os textos*



Cota: 80(038) MON

Eça de Queirós (1845-1900)

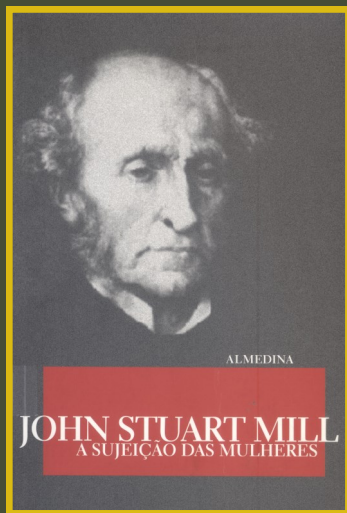
Romancista português, nascido na Póvoa de Varzim, é considerado um dos maiores da literatura portuguesa, o primeiro e principal escritor realista português, renovador profundo e perspicaz da nossa prosa literária.

A partir de 1863, estudou Direito na Universidade de Coimbra, tornando-se amigo de Antero de Quental, entre outros. Participou nas Conferências do Casino e nas reuniões do Cenáculo e é um dos principais mentores da Geração de 70. De parceria com Ramalho Ortigão, publicou no Diário de Notícias, em folhetins, O Mistério da Estrada de Sintra, e no ano seguinte inicia a publicação de As Farpas. Concorre então à Diplomacia, começando por ser cônsul em Havana, depois em Newcastle e, a partir de 1888, em Paris. Esteve ainda no Egito.

O afastamento do meio português não o impediu de colaborar na nossa imprensa, de fundar a Revista de Portugal... (p. 494)

Monteiro, Manuela. (2001). *Dicionário de Biografias*. Porto: Porto Editora.

*Sobre os textos*



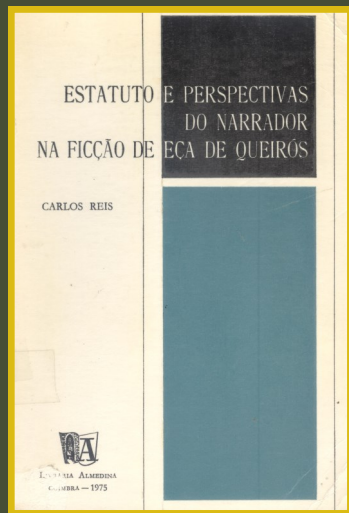
Cota: 80(092) NEM

Que livro tão simples e complicado! Que sábio e casto imbróglio de digressão e de ficção... «Neste despropositado e inclassificável livro das minhas Viagens», escreve Garrett, «não é que se quebre, mas enreda-se o fio das histórias e das observações por tal modo, que, bem vejo e o sinto, só com muita paciência se pode deslindar e seguir tão embaraçada meada». Confissão sincera? Efeito calculado. A musa deste poema-painel da guerra civil é a negligência. Já estava no credo e no preceituário romântico o dogma do hibridismo de géneros literários, que Herculano acatara no Eurico. Garrett, porém, de ânimo clássico, mantivera-se mais ou menos firme diante dos problemas de composição levantados pelos seus livros. Fábulas eram fábulas, dramas, dramas. O próprio Frei Luís de Sousa, apesar apesar das contradições de ambiente que culminam nas cenas de desfecho, ficou obra unitária, da grande e íntima unidade de conflito, que vale bem mais do que as três unidades clássicas. (p. 124)

*Sobre os textos*

Nemésio, Vitorino. (2003). *Vultos e perfis II*. Lisboa: INCM



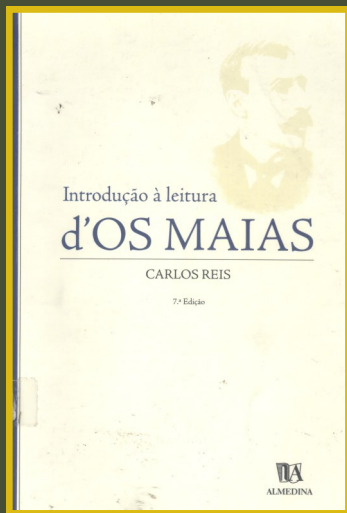


Cota: 80 REI

Não se pense porém que a manifesta oposição que se verifica entre o modo de manipulação da perspectiva narrativa observado nos romances naturalistas e o que se impõe na Ilustre casa de Ramirez não regista uma situação intermédia no processo de evolução da técnica narrativa vigente na ficção de Eça de Queirós. Revestindo ainda acentuadas intenções de crítica social, mas manifestando-se já em muitos aspectos sensivelmente afastado de preocupações ortodoxamente naturalistas, o universo diegético dos Maias é objecto de uma veiculação narrativa em que a nota dominante é a equilibrada contenção no que respeita ao recurso às duas modalidades de representação do discurso visadas pelo sujeito da enunciação: omnisciência e focalização interna. Deste modo podemos concluir, sem dificuldade, que Os Maias, para além do importantíssimo papel que desempenham na evolução ideológica de um autor que tantas vezes soube projectar na suas obras as suas preocupações fundamentais, se situam numa autêntica posição de charneira, representado, por um lado.... (p. 390)

Reis, Carlos António Alves dos. (1975). *Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós*. Coimbra: Almedina.

*Sobre os textos*



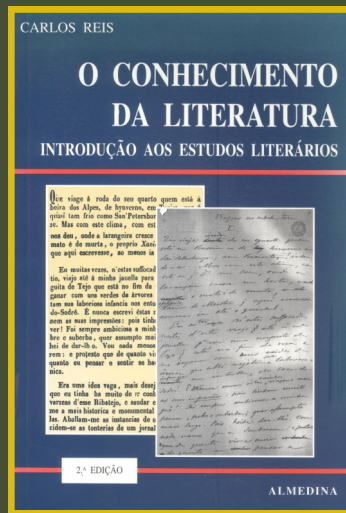
Cota: 80 REI

*Sobre os textos*

Se a estátua de Camões representa o Portugal passado, um tempo histórico de florescimento e epopeia, os vadios, os políticos, («outros vadios, de sobrecasaca, politicando...») e a «sentinela sonolenta» representam o Portugal do presente, a época do liberalismo frustrado e da crise de identidade nacional. E da estagnação já referida (sintomaticamente traduzida na insistência no deíctico «mesmo(a)») nasce um contraste entre os dois tempos, contraste de efeitos depressivos do qual resulta necessariamente um sentimento de pessimismo experimentado pelas duas personagens em cena e simbolicamente reflectido na tristeza («estátua triste») do épico.

Logo de seguida, porém, Carlos tem oportunidade de verificar que, se evolução houve no cenário que se lhe depara, ela processou-se no sentido negativo. De facto, o Dâmaso que Carlos deixara dez anos antes em Lisboa está agora «barrigudo, nédio, mais pesado» (p. 697); tal como, mais adiante, reaparecerá Eusebiozinho «mais fúnebre, mais tísico, dando o braço a uma senhora muito forte». (p. 162)

Reis, Carlos António Alves dos. (2002). *Introdução à leitura d'Os Maias* (7.ª ed.).  
Coimbra: Almedina.

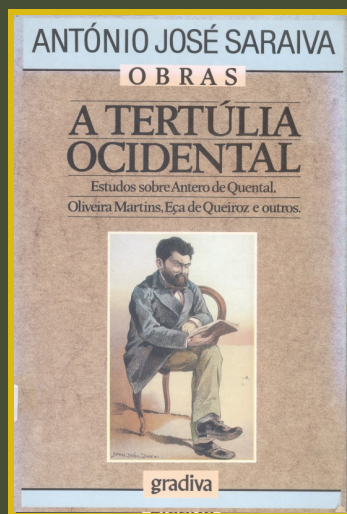


Cota: 80 REI

*Sobre os textos*

Justamente o quadro ideológico em que se desenvolve o Realismo literário merece desde já alguma atenção. Colocando-se, como se disse, nos antípodas do idealismo romântico, o Realismo privilegia uma visão materialista das coisas e dos fenómenos: desse ponto de vista, confere-se proeminência à realidade material e empiricamente verificável, como elemento que deve colher primordial e constante atenção de um observador que se pretende neutro, desapaixonado e tanto quanto possível objectivo. Num plano de actuação social, o Renascimento conexas-se com concorrentes de pensamento de índole reformista e mesmo, nalguns casos, de índole socialista: se a sociedade burguesa do século XIX apresenta certas disfunções que afectam a colectividade (disfunções culturais, económicas, políticas, etc.), então torna-se necessário agir sobre essa sociedade nos termos críticos que são usuais na literatura realista. Uma carta de Eça de Queirós a Rodrigues de Freitas (carta de 30 de Março de 1878, a respeito d'O Primo Bazílio)... (p. 437)

Reis, Carlos António Alves dos. (2001). *O conhecimento da literatura :introdução aos estudos literários* (2.ª ed.). Coimbra: Almedina.

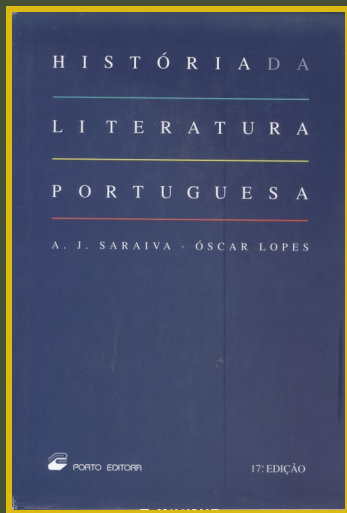


Cota: 80 SAR

Este mundo das aparências é o que Eça de Queiroz evocou na sua obra resplandecente de sensualidade, da sensualidade que ele recomendava a Oliveira Martins. Antero refere-se ao mundo das aparências para o recusar como vão e falso. Eça, pelo contrário, é seduzido por ele. Mas em toda a obra de Eça o carácter aparente do ser está bem evidente; tudo nela são aparências, isto é, algo despido de realidade intrínseca. Tudo são sensações que se apresentam à subjectividade, a cada subjectividade, nada tendo de real para o narrador. As «coisas» aparecem através das percepções de personagens em circunstâncias; variam conforme o personagem e o estado de espírito do personagem. Daí resulta o carácter ilusório daquilo que se chama normalmente «realidade». No fundo para Eça todas as formas são o revestimento do Desejo, Desejo que é uma cobertura do Nada. Não há aparência mais atraente e apetecível que a de Maria Eduarda quando sai do hotel para tomar a carruagem no Chiado; mas sob essa aparência escondia-se o mal... (p. 172)

Saraiva, António José. (1990). *A tertúlia Ocidental: estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e outros*. Lisboa: Gradiva.

*Sobre os textos*



Cota: 80(09) SAR

No plano lexical, a prosa queirosiana mobiliza recursos pitorescos, judicativa ou humoralmente muito marcados, de registo familiar e espontâneo, que nos limitaremos a exemplificar: arregalar, alapar-se, assomado, bigodeira, calaceiro, cocar, esbaforido, escanifrado, escapulir-se, esgrouviado, estarrecido, gordalhufo, menineira, morcão, pileca, etc.. Facto muito importante, também a relacionar com a técnica realista do romance, são os diferentes planos em que se situa o assunto quanto ao seu grau de realidade: assim, Eça sabe dar o plano do sonho num tom que não é real, ou o da novela medieval d'A Ilustre Casa num estilo diverso do da narrativa básica, mas sem grande pretensão arcaizante. Não faremos o estudo desta diversificação; basta notar que, na transição das atmosferas de realidade e sonho, ou de uma outra subjectividade, desempenham papel decisivo as combinações entre o uso do perfeito narrativo, do imperfeito descritivo e do presente histórico, e ainda as do discurso directo, indirecto e do chamado *indirecto livre*, síntese polifónica da voz da personagem... (p. 890)

Saraiva, A. J. & Lopes, O. (2005). *História da literatura portuguesa* (17.ª ed.). Porto: Porto Editora.

*Sobre os textos*



Cota: 80 SIL

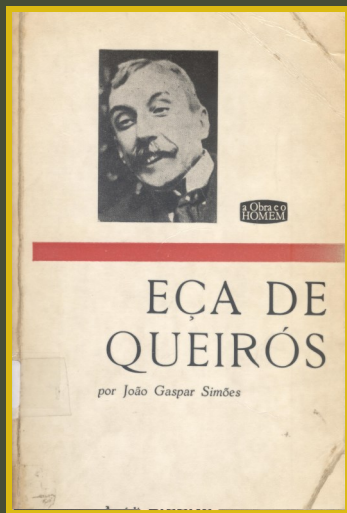
*Sobre os textos*

A personagem plana não altera o seu comportamento no decurso do romance e, por isso, nenhum acto ou nenhuma reacção da sua parte podem surpreender o leitor. O tipo não evoluciona, não conhece as transformações íntimas que fariam dele uma personalidade individualizada e que, por conseguinte, dissolveriam as suas dimensões típicas. Ora, a personagem desenhada é quase sempre uma personagem-tipo. Não provoca nenhuma surpresa, por exemplo, o facto de, n'Os Maias, Dâmaso assinar uma carta que João da Ega lhe dita e na qual aquele se declara um ébrio habitual, pois tal reacção coaduna-se perfeitamente com o que o leitor conhece do bochechudo e balofo Dâmaso Salcede.

As personagens planas são extremamente cómodas para o romancista, visto que basta caracterizá-las apenas uma vez, aquando da sua introdução no romance, não sendo necessário cuidar atentamente do seu desenvolvimento ulterior. Semelhantes personagens estão particularmente indicadas para o papel de comparsas.

As personagens modeladas, pelo contrário, oferecem... (pp. 709-710)

Silva, Vítor Manuel de Aguiar e. (1983). *Teoria da literatura* (5.ª ed., 1.º vol.) Coimbra: Almedina.

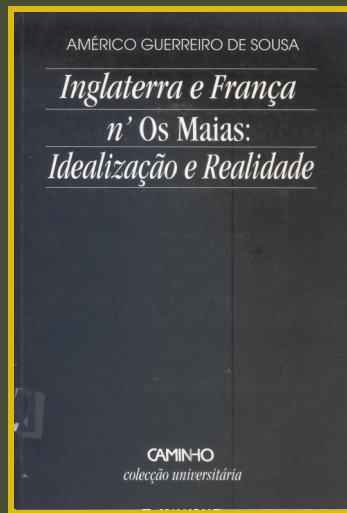


Cota: 80 SIM

São obras menores O Mandarim e A Relíquia, obras «inventadas», não «observadas», como dizia o romancista. Através delas expurga Eça de Queirós os humores de estilo que um processo sem stress lhe permitia acumular como se acumulam os produtos de um órgão inibido de preencher a sua função. Mas é no meio da incerteza que nele provoca o culto de uma literatura onde desejaria introduzir algo mais que a «bengalada do homem de bem» (são produtos satíricos as obras que escreve depois de O Primo Basílio) que desperta nele de novo a seiva estancada desde que aderira ao romance experimental. De facto Os Maias acordam em Eça as fibras adormecidas, e, graças ao seu despertar, decide-se de uma vez para sempre a indecisão em que vive. A crise acaba com Os Maias. E é por isso que no jantar oferecido por Ega no Hotel Central esse problema se debate entre as duas personagens que no romance são, por assim dizer, desdobramentos do romancista: o próprio Ega e Carlos Eduardo. Enquanto aquele sustenta a supremacia do realismo, este defende um novo tipo de romance... (p. 177)

Simões, João Gaspar. (1976). *Eça de Queirós* (2.ª ed.). Lisboa: Arcádia.

*Sobre os textos*



Cota: 80(09) SOU

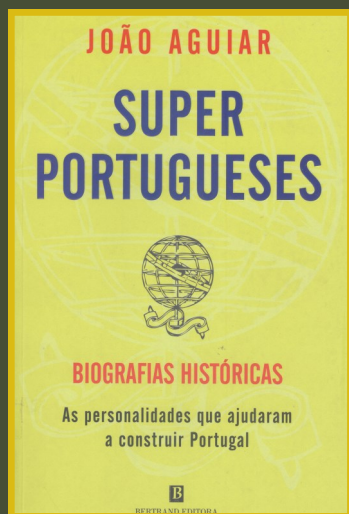
Vivendo em Inglaterra ao tempo em que escreveu *Os Maias* mas profundamente influenciado pela literatura francesa antes de naquele país se fixar em finais de 1874, Eça de Queirós parece, por vezes, compelido a referir a Inglaterra e a França simultaneamente ou em conexão íntima – uma espécie de emparelhamento, dir-se-ia que automático e subconsciente, desses dois países tão presentes na sua vida e cultura.

Assim, Carlos «passava as férias em Paris e em Londres» (p. 7), informação repetida *ipsis verbis* oitenta e quatro páginas depois (p. 91). Entre os autores que lia quando estudante em Coimbra constavam «Proudhon, Augusto Comte, Herbert Spencer» (p. 89), dois franceses e um inglês. No salão dos «Paços de Celas», residência Coimbrã de Carlos, «o Figaro, o Times e as revistas de Paris e de Londres» (p. 90) podiam ver-se espalhadas nas mesas. A poesia de Vítor Hugo e as teorias da evolução de Darwin, dois dos tópicos mais apaixonadamente debatidos pela juventude estudantil, surgem lado a lado. (p. 31)

Sousa, Américo Guerreiro de. (2002). *Inglaterra e França n'Os Maias: idealização e realidade*. Lisboa: Caminho.

*Sobre os textos*





Cota: 94(469)(092) AGU

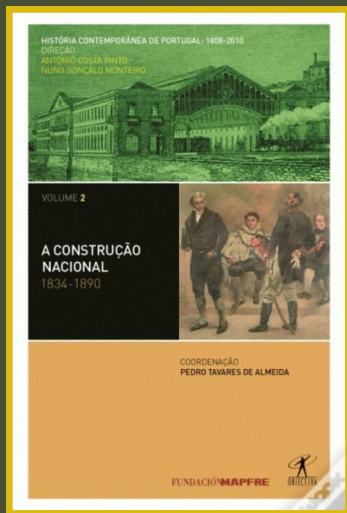
*(Com) Textos*

Estudado, analisado, dissecado e, não poucas vezes, imitado, Eça continua a resistir. A sua prosa é hoje tão viva e fresca como há cem anos. Um caso único.

Rios inteiros de tinta e, mais modernamente, milhões de gigabytes têm sido consumidos para escrever sobre José Maria de Eça de Queirós. Não vamos tentar, sequer, resumir tudo isso. O que importa, muito além de todos os estudos e ensaios académicos, é relebrá-lo aos portugueses e mostrar, a quem não lê, um pouco do muito que está a perder por vias de tal inércia.

Antes de mais, um breve resumo da sua vida: nasceu em 1845, na Póvoa de Varzim, e foi baptizado em Vila do Conde – o que é já, de certo modo, uma primeira ironia (ainda involuntária, embora) da parte de alguém que viria a usar o humor como brilhante arma de arremesso: a Póvoa e Vila do Conde são vizinhas muito próximas, porém rivais acirradas. Ao nascer numa e ser baptizado na outra, Eça fez com que cada uma solenemente o declarasse como património seu. (p. 235)

Aguiar, João. (2009). *Os super portugueses*. Lisboa: Bertrand.



Cota: 94(469) ALM

*Com) Textos*

Através dos romances de Eça de Queirós e dos ensaios históricos de Oliveira Martins, a chamada Geração de 70 marcou, durante mais de um século, a forma como os intelectuais pensaram o país. A crítica ao liberalismo estava articulada com a idéia de decadência nacional e com o debate em torno de uma regeneração sempre falhada (Saraiva, 1995). Permanecia também a tensão entre a necessidade de reaportuguesar a cultura e a necessidade de atualizar, colocando-a a par dos movimentos e das discussões dos principais centros europeus. Mesmo quando os protagonistas da Geração de 70 se tornaram mais conservadores, as suas ideias originais e o seu exemplo continuaram a influenciar os intelectuais mais jovens. Uns estavam agora próximo do naturalismo, do cientismo e do positivismo, quase todos procuravam fórmulas nacionalistas e continuavam o processo de reinvenção da tradição. Em 1890, o Ultimato inglês e a crise que se seguiu marcaram um momento de forte desilusão em relação à política, à monarquia e à oligarquia constitucional: as instituições e a «situação» estavam contra a pátria. (p. 233)

Almeida, Pedro Tavares de. (2013). *História contemporânea de Portugal: 1808-2010*.

Lisboa: Objectiva.



Cota: 821-31 AUS

Em seguida as senhoras voltaram para o salão, e à hora do café nada mais fizeram senão ouvir Lady Catherine. Esta falava sem interrupção, dando a sua opinião sobre cada assunto com uma segurança que mostrava bem não estar habituada a que lhe contestassem as palavras. Fez inúmeras perguntas a Charlotte a respeito de assuntos domésticos, com familiaridade e minúcia; e aconselhou-a generosamente. Disse-lhe como tudo deveria ser regulado numa família pequena como a sua e ensinou-lhe a cuidar das vacas e das aves de capoeira. Elisabeth verificou que nenhum assunto, por mais humilde que fosse, escapava à atenção de Lady Catherine, contando que neles encontrasse uma oportunidade para doutrinar. Nos intervalos das suas recomendações à sr.<sup>a</sup> Collins, dirigia algumas perguntas a Maria e a Elizabeth, especialmente a esta última, que conhecia menos e que, observou ela para a sr.<sup>a</sup> Collins, era uma rapariga muito simpática e atraente. (p. 122)

*Com(Textos)*

Austen, Jane. (2002). *Orgulho e preconceito*. Mem: Europa-América.



Cota: 94(469) BAR

Com (Textos)

Vamos ocupar-nos de uma parte restrita da cidade de Lisboa, a sua zona ribeirinha, ou seja, aproximadamente de Marvila a Belém, tendo como limite, para o interior, os altos de S. Clara, S. Jorge, S. Francisco, S. Catarina e S. Amaro. Falamos assim de uma estreita faixa de terra – mais estreita do que hoje, visto o Tejo ser mais largo nessa época.

Podemos traçar uma linha bastante imaginária que, dos contrafortes da Igreja da Madre de Deus passe pelo Campo das Cebolas, Praça do Comércio, Cais do Sodré, Ruas da Boavista e de S. Paulo, Santos-o-Velho, Rocha, Calvário, Rua da Junqueira, e termine junto ao Largo dos Jerónimos. Ficamos assim com uma ideia da zona de encontro da cidade com o rio, durante a época dos descobrimentos.

À medida que a população aumentava e que o comércio com o Oriente e as Américas se revelava mais rendoso, a zona ribeirinha foi atraindo maior número de habitantes de vários tipos... (p. 11)

Bárcia, Paula. (1998). *Lisboa à beira rio: quatro percursos para descobrir a Lisboa do passado*. Lisboa: GT. do M.E. para as C. dos D. P.



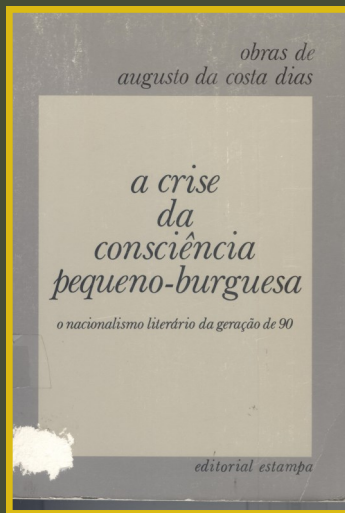
Cota: 821.134.3-31 BES

Jantou essa tarde com a família, e entre o seu tawny e a conversa com dona Rita, dando-lhe instruções que a apaziguassem, as coisas correram sem incidentes. Fanny recolheu cedo ao quarto, e em tudo mostrava respeito e disposição conciliadora. Só se notava nela uma excessiva ternura por um gato que havia na casa chamado Lord Nelson e que gostava de dormir junto do fogo até crestar o pelo

E cheirar a queimado. Tinha por isso uma cor torrada, se bem que o seu natural fosse o amarelo claro. Porém Nelson, ultimamente, escapava-se todas as vezes que Fanny tentava acaricia-lo. Tinha um miar rouco, como se estivesse ferido; a cauda ficava eriçada e ele mantinha-se imóvel muito tempo, como se uma força misteriosa o segurasse. Não era este o único fenómeno que acontecia no Paraíso. (p. 131)

Bessa-Luís, Agustina. (2002). *Fanny Owen*. Porto: Público.

*Com (Textos)*



Cota: 80 DIA

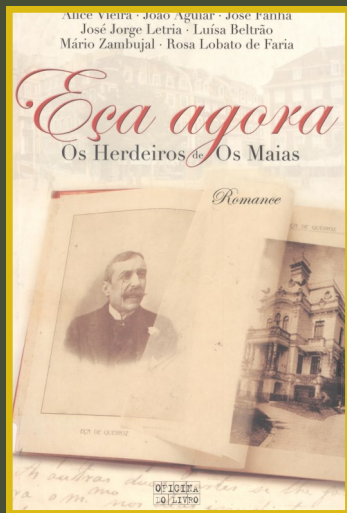
*Com (Textos)*

A intenção é manifesta. Quatro anos depois do aparecimento de Os Maias, ao referir-se a romances de costume, Alberto de Oliveira apenas se lembra de citar Camilo; e ao individualizar (porquê?) os frades monolíticos de Herculano (a cuja obra crítica de historiador e doutrinário político não dedica uma palavra), a Joaninha dos olhos verdes e a Morgadinha dos Canaviais, continua a esquecer uma das mais completas, bem definidas, galerias de «tipos» que a novelística portuguesa até hoje conheceu: a que vive nos romances de Eça de Queirós.

Por detrás de todas estas propositadas lacunas de memória (para as quais o tempo é o melhor juiz) encontra-se a mesma atitude anti-realista que já tive ensejo de apontar (ver pp. 81 a 85) e que o trecho seguidamente transcrito tão bem acentua:

*Não te espantes destas opiniões externas, que são próprias de quem procura um livro, menos as suas qualidades de execução, de invenção e de detalhe, as suas imagens e os seus adjectivos... (p. 172)*

Dias, Augusto da Costa. (1977). *A crise da consciência pequeno-burguesa: o nacionalismo literário da geração de 90* (3.ª ed.). Lisboa: Estampa.

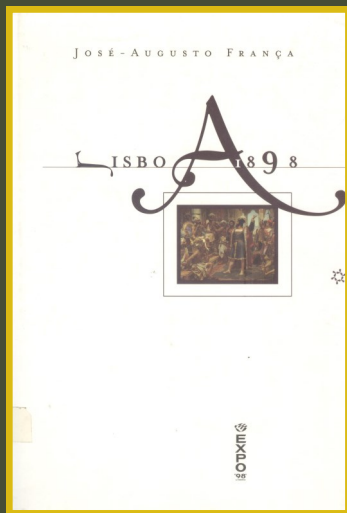


Cota: 821.134.3-31 ECA

*Com (Textos)*

Amaldiçoava o dia em que levava o Carlos ao hotel. Fora um erro grosseiro – julgando que ganhava um trunfo, perdera a partida. O despeito soltava-lhe o ciúme acumulado ao longo dos anos. Quem se julgava o sacana do Maia?! Um menino rico a cheirar a cueiros de seda... Lá porque era médico... lá porque tinha um palácio a cair aos bocados... Comparado consigo, Damásio Malcedo, um homem que subira a pulso, que sabia o que queria! Capaz de se despedaçar para chegar aos objectivos! Não andara na faculdade, não senhor, a faculdade é para os teóricos que não sabem fazer nada! A sua escola fora a vida... Já vendera casas, tivera que aprender a enfiar barretes aos clientes, e aprendera bem! Já vendera carros em segunda mão, tivera que se virar no golfe, frequentar discotecas, jogar bridge, bajular amigos, aldrabar conhecidos! O que ele já tinha feito! Até já andara metido com casas de alterne e na importação de mão-de-obra! Coisas para homens de barba rija, capazes de aguentar no duro as desgraças alheias! (p. 146)

Vieira, A., Aguiar, J., Faria, J., Letria, J. J., Beltrão, L., Zambujal, M. et al. (2007). *Eça agora*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.



Cota: 06 FRA

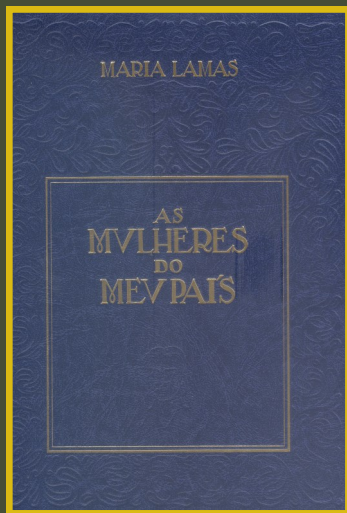
Cafés, cervejarias, como o Leão de Ouro que já perdera o brilho do seu grupo de artistas de quinze anos atrás, que lhe deixara quadros nas paredes e lhe desertara as mesas de boémia pacata; ou a da Trindade e sobretudo a Jansen, «o recreio de Lisboa», que anunciava profusamente nos jornais, em sinal de animação nocturna, com «grandes concertos todas as noites», do mestre rio Carvalho. Com elas iam casa de pasto, como o vigia e o Carpinteiro, «predilecto da boémia alfacinha» (em 1895, ao menos, segundo Teixeira Gomes), ambos na vizinhança do Teatro D. Maria, e dezenas de outras pela baixa, tascas imundas – ou Retiros de Pacatos e Pernas de Pau, já fora da portas, pelas hortas dentro... Existiam todas elas em 1898, com frequência mista, de burgueses e vadios, janotas boémios – e até um popularíssimo Rei da Madureza, maluco bêbado e pitoresco que morreria a seis meses do ano de 1898, num vão de escada...

Os restaurantes, esses guardavam fama, como o Mata, que levava quase dez anos, o Silva, de referência mais antiga e segura... (p. 131)

França, José-Augusto. (1977). *Lisboa 1898: estudo de factos socioculturais*. Lisboa: Expo'98.

*Com (Textos)*





Cota: 94(469) LAM

*Com (Textos)*

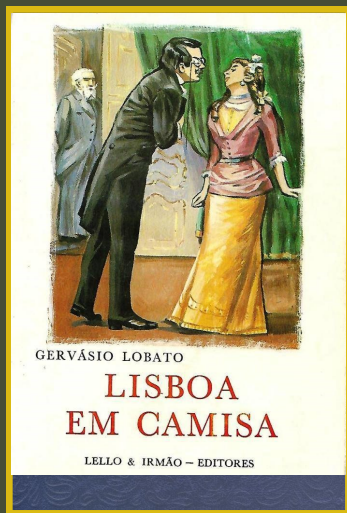
O desejo de conhecer, em todos os seus aspectos, a vida da mulher portuguesa, surgiu no meu cérebro e no meu coração há muitos anos. Foi quando eu própria me encontrei na encruzilhada onde é forçoso escolher um caminho, e me reconheci sem preparação para a luta, nem outra bússola que fosse a minha sinceridade e a minha responsabilidade de mãe.

Eu não podia avaliar, então, como era vasto e profundo este problema, que principiava a interessar-me, mal delineado ainda, na confusão do mundo convencional em que eu vivia. Mas tinha a intenção da sua importância na harmonia da vida.

Olhei à minha volta e comecei a reparar melhor nas outras mulheres: umas resignadas e heroicas na sua coragem silenciosa; outras indiferentes, entorpecidas; e ainda aquelas que fazem do seu luxo a exibição de um privilégio.

No olhar iluminado das jovens vi o mesmo sonho dos meus dezasseis anos; na expressão sem viço daquelas em que o ardor de viver se vai apagando, melancólico, adivinhava eu o drama de uma vida fracassada, estéril. E em quase todas, mesmo nas vulgarmente felizes, pressentia, sem o saber definir... (p. 5)

Lamas, Maria. (2002). *As mulheres do meu país* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Caminho.



Cota: 821.134.3-31 LOB

*Com (Textos)*

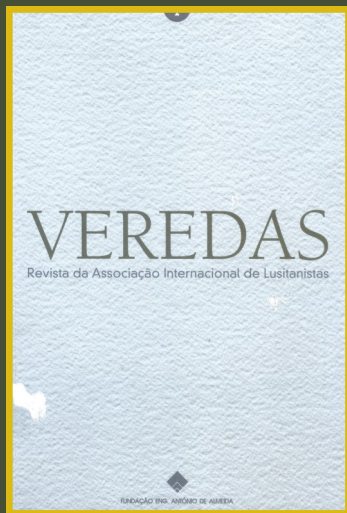
Quando todos se tinham já sentado à mesa e desdobrado alegremente os guardanapos, com o estômago a palpitar de júbilo, o dr. Formigal, a quem a delicadeza do dono da casa colocara à direita de Angélica e à esquerda da menina Carmo Torres, olhou para todos os convidados com uns olhos investigadores, sorriu resignado à menina Sabina, que ficara muito longe, e disse, como quem faz uma grande descoberta:

- Esperem aí... Somos treze!

De todos os lados se elevou um grito de susto e de protesto, e só o conselheiro, sentado à direita de Justino, não fez caso do número fatídico, e continuou muito serenamente a pôr o talher, o pão e os pratos em ordem de combate, murmurando risonho, e com o desdém dum espírito superior:

-Isso são tolices, quando há treze pessoas só é para quem é mau é para o dono da casa, que ganhava mais em que fossem doze... (p. 106-107)

Lobato, Gervásio. (1970). *Lisboa em camisa* (15.ª ed.). Lisboa: Parceria A. M. Pereira



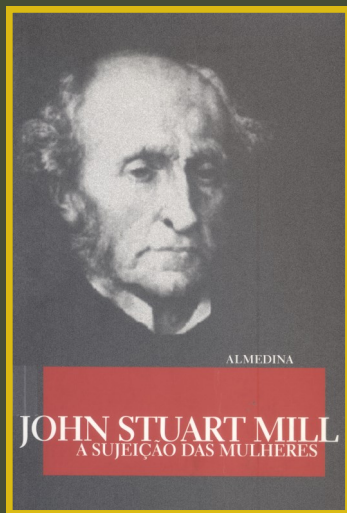
Cota: 80 MAC

*Com (Textos)*

Em carta de 1894 a um amigo, Eça adverte que 'não se curam misérias ressuscitando tradições' O Portugal pós-1640, na enfiada daquela restauração de 1.º de Dezembro que Eça e Oliveira Martins desdenharam, continuou manietado pela funesta tradição de um sebastianismo que pôs fim à aventura marítima mas o qual, confusamente, depois de Alcácer Quibir passou a representar para a nação viúva do seu desastroso rei, a promessa do reatar dessa aventura.

Para o Portugal sebastianista, a noção de ficar em casa, en famille com a nação vizinha, é tão monstruosa como a ideia do prosseguimento ad infinitum de um incesto feliz. Tendo isso em vista, será que teria sido então porventura uma última perfídia por parte de Eça o facto de que, no restolho da catástrofe do incesto, Carlos e Maria Eduarda acabam não redondamente separados e castigados mas ambos prósperos, ambos respeitáveis e mais perturbantemente *ambos em França*, na pátria daquele Verlaine, poeta seu contemporâneo que Eça admirava e que (porque) 'vivía amancebado com a imã'? (pp. 155-156)

Macedo, Helder. (1999). *Veredas: revista da Associação Internacional de Lusitanistas* (2.º vol.). Porto: Fundação Eng. António de Almeida.

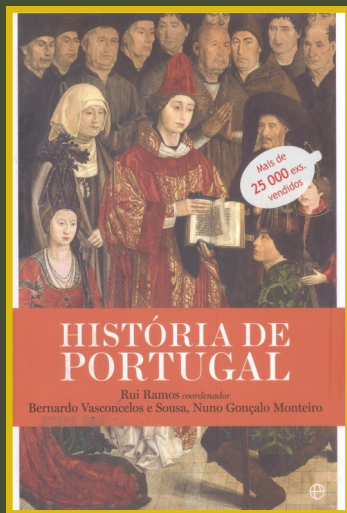


Cota: 17 MIL

*Com (Textos)*

Quem duvida que pode existir uma grande bondade, uma grande felicidade e uma grande afeição sob o governo absoluto de um homem bom? Acontece que as leis e as instituições precisam de ser adaptadas, não aos homens bons, mas aos homens maus. O casamento não é uma instituição concebida para uma elite. Os homens não são obrigados, como condição prévia à cerimónia de casamento, a provar por testemunhos que são suficientemente idóneos para que lhes seja confiado o exercício de um poder absoluto. O laço de afecto e obrigação para com a mulher e os filhos é muito forte naqueles cujos sentimentos de sociedade em geral sejam fortes, e até em muitos daqueles que se mostram pouco sensíveis a quaisquer outros laços sociais; mas podemos encontrar todos os graus de sensibilidade e insensibilidade em relação a ele, do mesmo modo que encontramos todos os graus de bondade e de maldade nos homens, e sobre quem a sociedade não exerce qualquer acção, a não ser, pela sua última ratio, as sanções previstas na lei. (p. 97)

Mill, John Stuart. (2006). *A sujeição das mulheres*. Coimbra: Almedina.



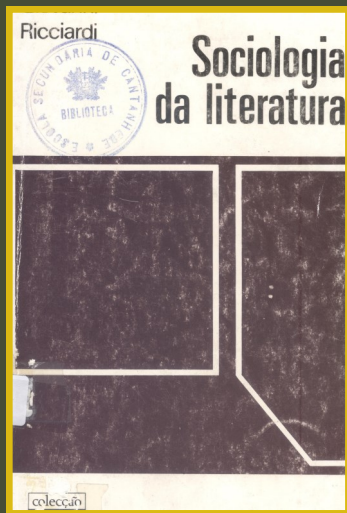
Cota: 94(469) RAM

*Com (Textos)*

A «nova geração» prosseguiu essa empresa. Praticamente, construíram uma cultura: uma galeria de tipos sociais próprios, como o «conselheiro Acácio», com Eça de Queirós; o cânone da literatura e do folclore português, com Teófilo Braga (...)

Acima de tudo, a «nova geração» desenvolveu a linguagem crítica da modernidade em Portugal. No romance *Os Maias* (1888), Eça de Queirós mostrou, com a cena do hipódromo de Belém, o ridículo de uma sociedade que se esforçava por ser o que não era. Mais do que isso, Eça e os seus colegas cultivaram um distanciamento irreverente em relação às instituições, uma atitude de chiste e transgressão, mais ou menos sonbe, que veio a envolver aqueles que com eles se educaram para a vida pública. Quando o poeta António Nobre visitou o consulado em Paris e se viu confrontado pelo preço de uma certidão, o cônsul Eça de Queirós acudiu-lhe, referindo-se assim ao Estado que representava: «Este Estado é um ladrão! Vamos a ver se posso torcer-lhe o artigo da lei», aplicando-lhe outro mais em conta.» (p. 545)

Ramos, Rui. (2012). *História de Portugal* (7.ª ed.). Lisboa: A Esfera dos Livros.



Cota: 80 RIC

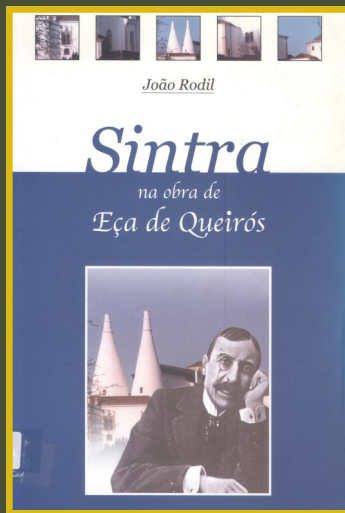
*Com(Texto)*

O estudo da situação económica e profissional poderá determinar, ainda que não absolutamente, qual a classe ou o grupo social a que pertence o escritor. Que haja uma relação entre o escritor e uma classe social é facto que parece suficientemente claro, muito embora possa haver, entre os estudiosos, disparidade de interpretação a tal respeito.

Existe uma classe peculiar ao escritor? A classe dos escritores?

Tendo em conta o ditado: *Litterae non dant panem*, e o problema real da segunda profissão, bem como a possibilidade de o escritor possuir rendas pessoais, de família – caso não muito frequente –, pode-se concordar com quem coloca o escritor na classe média, aquela que, precisamente, mais o ajuda a viver. «As estatísticas», referem Wellek e Warren, «mostram-nos que, na Europa moderna, a literatura recrutou os seus adeptos sobretudo na classe média, pois a aristocracia preocupava-se com a riqueza e a glória, enquanto as classes inferiores tinham poucas oportunidades de...» (pp. 86-87

Ricciardi, Giovanni. (1971). *Sociologia da literatura: história, problemas, perspectivas operacionais*. Mem Martins: Publicações Europa-América.



Cota: 80 ROD

*Com(Texto)*

Vindos de Lisboa pela antiga estrada de Belas, viajando sobretudo de sege, caleche, tipóia, diligência ou ônibus, os visitantes podiam experimentar, a partir de 1841, uma estrada considerada «piloto», que serviu de modelo a outras vias que foram posteriormente construídas no país. Para tornar as viagens mais amenas, mais aprazíveis, as margens da estrada sofreram obras de arborização lateral entre Belas e Sintra, entre 1844 e 1849. Carlos e Cruges não utilizaram qualquer um destes meios de transporte. Vieram de breque, carruagem mais íntima, de cariz aristocrático, e também mais leve, pois levaria no máximo quatro pessoas, incluindo o cocheiro. Era, por isso, uma carruagem mais rápida e, para quem tinha pressa de chegar a Sintra, tal como Carlos da Maia, o breque era o transporte ideal.

Pontualmente, às oito da manhã, «Carlos parava o breque na Rua das Flores, diante do conhecido portão da casa do Cruges. Mas o trintanário, que ele mandara acima bater à campainha do terceiro andar, desceu com a estranha nova de que o Sr. Cruges já não morava ali. (p. 45)

Rodil, João. (2000). *Sintra: na obra de Eça de Queirós* (2.<sup>a</sup> ed.). Sintra: Câmara Municipal de Sintra.





Cota: 80 ROD

*Com(Texto)*

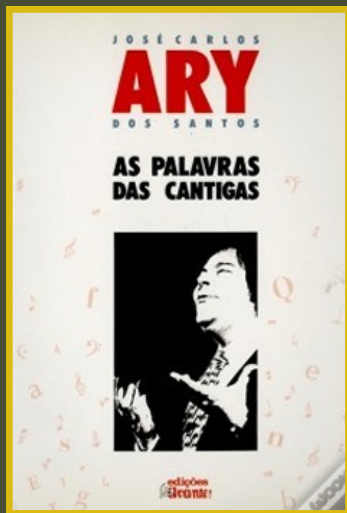
Ora é do flaubertiano Eça, mestre da palavra e ironista como o autor de *Bouvard e Pécuchet*, que nos propomos ler um texto romântico, à luz do desiderium como tema e como ausência, ou «falta», necessidade seminal que impregna opacamente a própria escrita.

Jaime Batalha Reis, na sua introdução à compilação das *Prosas Bárbaras* em livro, assinala a influência directa de Heine e o facto de neste poeta e em Berlioz se inspirar «A ladainha da dor». Porém, a influência mais forte ao nível da escrita parece ser a de Nerval.

O romancismo alemão está presente desde o início do texto, que consiste essencialmente em duas cartas, trocadas entre um pintor doentio, que enlouquecerá (admirador de Claude Lorrain), e Berlioz, acerca da figura e da vida de Paganini e seu fim. Logo de início é questão de um retrato de Paganini, solicitado por Berlioz mas que o pintor Lyser não quer ceder, persuadido de que fora o diabo quem lhe guiara a mão, o que confira ao quadro grande valor afectivo. (p. 34)

Rodrigues, Urbano. (2001). *O texto sobre o texto*. Lisboa: INCM



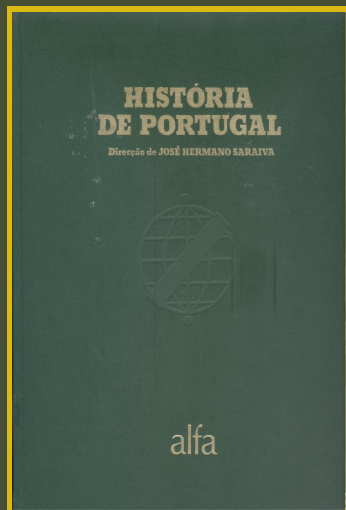


Cota: 821.134.3-1 SAN

*Com(Texto)*

A relíquia que eu trago no meu peito / herdada duma tia Patrocínio / é  
o país-paris onde me deito / sem culpa mas também sem raciocínio. /  
O conselheiro Acácio bem me disse / nos tempos em que eu era  
pequenina: / – «O Padre Amaro é mau. Mas que chatice! / não pode  
um padre amar uma menina?» / E o meu primo Basílio brasileiro /  
que foi o pai das minhas sensações!... / E o Mandarin morrendo a  
tempo inteiro / num país de rabichos e aldrabões?... / Carlos da  
Maia meu primeiro amor / primeiro livro meu primeiro beijo / Os Maias  
da cidade não dão flor / e as Maias é no campo que eu as vejo. /  
Ramires d'uma casa ilustre e vasta / pindéricos raminhos da  
nobreza / a terra portuguesa ainda não basta / para as courelas todas  
da avareza! / E o conde de Abranhos parlamento / E a Vera  
Gouvarinho a baronesa / Mudam-se os tempos mas não muda o  
vento / é sempre rococó à portuguesa! / Há cem anos que eu canto  
esta canção / sem cabeça porém com coração. / Porque o País do  
Eça de Queiroz / ainda é ... o País de todos nós !... (pp. 143-144)

Santos, José Carlos Ary dos. (1989). *As palavras das cantigas* (5.ª ed.). Lisboa: Edições Avante.



Cota: 94(469) SAR

Junot proclama ao país:

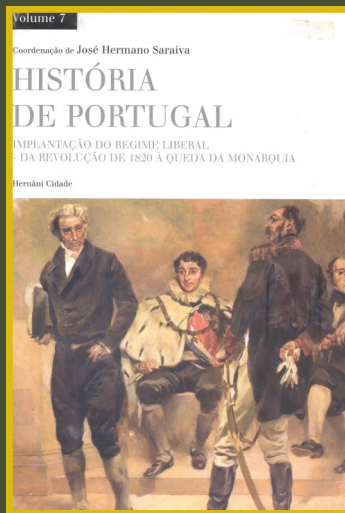
Habitantes do reino de Portugal: - Os vossos interesses fixaram a atenção de Sua Majestade o imperador, nosso augusto senhor; toda a irresolução deve desaparecer: decidiu-se a sorte de Portugal, e seguiu-se a sua felicidade futura, pois que Napoleão o Grande, o tomou debaixo da sua onnipotente protecção.

O príncipe do Brasil, abandonando Portugal, renunciou todos os seus direitos à soberania deste reino. A casa de Bragança acabou de reinar em Portugal.

O imperador Napoleão quer que este belo país seja administrado e governado todo inteiro em seu nome e pelo general-chefe do seu exército. (p. 134)

*Com(7exto)*

Saraiva, José Hermano. (1984). *História de Portugal* (vol. 5) . Lisboa: Alfa.



Cota: 94(469) SAR

*Com(Texto)*

## Constituição de 1822

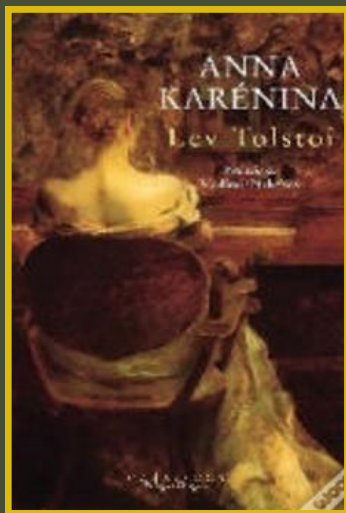
“Art.º 1.º – A Constituição Política da Nação Portuguesa tem por objectivo manterá liberdade, segurança e propriedade de todos os portugueses. [...]

Art.º 9.º - A lei é igual para todos. Não se devem portanto tolerar privilégios do foro nas causas cíveis ou crimes, nem comissões especiais. Esta disposição não compreende as causas, que pela sua natureza pertencerem a juízos particulares, na conformidade das leis. [...]

Art.º 12.º - Todos os portugueses podem ser admitidos aos cargos públicos, sem outra distinção, que não seja a dos seus talentos e das suas virtudes. [...]

Art.º 29.º - O Governo da Nação Portuguesa é a Monarquia constitucional hereditária, com leis fundamentais, que regulem o exercício dos três poderes políticos. (p. 22)

Saraiva, José Hermano. (2004). *História de Portugal* (vol. 7) . Matosinhos: Quidnovi.



Cota: 821-31 TOL

Depois de se vestir, Stenpan Akkádich perfumou-se, endireitou as mangas da camisa, com gestos habituais distribuiu pelos bolsos os cigarros, a carteira, os fósforos, o relógio com dupla corrente e berloques e, sacudindo o lenço, sentindo-se limpo, perfumado, saudável e fisicamente animada apesar da sua infelicidade, saiu estremecendo ligeiramente a cada passo, dirigindo-se para a sala de jantar onde já o esperava o café e, ao lado do café, cartas e papéis da repartição.

Leu as cartas. Uma delas era muito desagradável – era de um comerciante que comprava a madeira da propriedade da mulher. Era necessário vender aquele bosque; mas agora, em vias de reconciliação com a mulher, isso estava fora de questão. O mais desagradável era que assim se misturava um interesse monetário com a questão da sua reconciliação com a mulher. E a ideia de que pudesse ser movido por esse interesse, de que poderia procurar a reconciliação com a mulher para a venda do bosque, parecia-lhe ultrajante. (p. 16)

*Com(Texto)*

Tolstoi, Lev. (2006). *Anna Karénina*. Lisboa: Relógio d'Água.



Cota: 791.229.2 SAR

*Com(Texto)*

Com a regeneração instala-se uma relativa paz política durante a qual é possível realizar um amplo programa de melhoramentos materiais: estradas, vias férreas e telégrafos. Os partidos Regenerador e Histórico revezam-se no poder com regularidade, durante os reinados de D. Maria II, D. Pedro V e D. Luís . Cresce rapidamente a classe média, aumenta a população das cidades e a emigração acentua-se. A colonização dos territórios africanos progride com rapidez e o Governo Português projecta estender a soberania de Portugal desde Angola à costa do Índico. Mas esse projecto foi interrompido por um Ultimatum inglês que emocionou todo o País. O rei e o Governo monárquico foram acusados de não saber defender os interesses nacionais, e o Partido Republicano aumentou o seu dinamismo, ao mesmo ritmo em que se desacreditavam os partidos monárquicos. Uma revolta de civis e militares pôs termo ao regime monárquico e proclamou a República em 1910.(Sinopse)

Saraiva, José Hermano (Realizador). (2002). *História essencial de Portugal (vol. V)* [Filme]. Lisboa: Videofono Imagem.

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário